

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

Thine in the bonds of womanhood: uma análise das cartas de Sarah Grimké (1837) e o princípio das reivindicações de gênero nos Estados Unidos

Maritsa Gonçalves Rieth

PORTO ALEGRE

2015

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

Thine in the bonds of womanhood: uma análise das cartas de Sarah Grimké (1837) e o princípio das reivindicações de gênero nos Estados Unidos

Maritsa Gonçalves Rieth

Trabalho de Conclusão de Curso do curso de graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para obtenção de título de Licenciada em História.

Orientador: Prof. Dr. Arthur de Lima Avila

PORTO ALEGRE

2015

AGRADECIMENTOS

Primeiramente gostaria de agradecer ao Professor Arthur Avila por aceitar o desafio de me orientar na produção deste trabalho em tão pouco tempo, por me fazer acreditar que seria possível e, ainda, por me incentivar a ambicionar novos projetos. Sem as suas aulas de História dos Estados Unidos talvez não tivesse encontrado uma temática tão instigante como a que aqui será desenvolvida.

Dedico esta singela produção especialmente aos meus pais, Graciela e Sérgio, pois sem seu empenho de me proporcionar meios para estudar não chegaria até esse ponto. Mãe, obrigada por cada nota de dois reais para o café e por escutar minhas indignações mais profundas com relação à sociedade em que vivemos. Pai, obrigada por cada livro que, mesmo em dias de dificuldades, tu compraste para meus estudos e por chegar cedo para os mates nos dias que estou em casa.

Também merece espaço nesta dedicatória, minha querida avó Maria do Carmo, que presenciou diariamente meus esforços para a concretização deste trabalho e empenhou-se em fazer com que eu tivesse todo o conforto e tranquilidade necessários.

Agradeço a minha, mais do que amiga, quase uma irmã, Camila Marcet, pela atenção e prontidão dedicadas na hora de realizar as traduções necessárias para este trabalho. Mais grata ainda me sinto pelos diálogos inspiradores que tivemos e por ela, mesmo sem saber, ter me incentivado a acreditar na existência de uma *sisterhood*.

Ao meu irmão, Bernardo, por fazer minha barriga doer de tanto rir.

As colegas e amigas, Fernanda e Jéssica, pelo apoio, orientação e cumplicidade.

Agradeço à Professora Carmem Gil por me mostrar os caminhos encantadores que podem ser descobertos durante a docência. E também à equipe do PIBID – História UFRGS, sempre nos proporcionando meios para sermos melhores educadores.

Por fim, de todo o coração, agradeço a parceria, compreensão e suporte emocional que recebi do companheiro mais do que excepcional, deste e todos os mundos, Luis Henrique, que desde minha entrada na faculdade permanece ao meu lado. Panda, obrigada por mesmo precisando ficar longe, estivesse sempre por perto. Obrigada pelas palavras que me motivaram. Obrigada pelos abraços que me confortaram. Obrigada por me fazer dormir enquanto eu não conseguia. Obrigada, mais do que tudo, por acreditar em mim!

RESUMO

O presente estudo tem por objetivo compreender o contexto em que nos Estados Unidos do século XIX, anteriormente a Guerra de Secessão, tiveram início as reivindicações em prol da igualdade de gênero e seus principais desdobres a partir da figura ímpar de Sarah Moore Grimké e de uma breve análise de sua obra. Sarah escreveu um conjunto de quinze cartas que recebeu o nome de *Letters on the equality of sexes and condition of woman*, sendo publicado em 1838. Essas cartas são responsáveis pela difusão de ideias que defendem a igualdade das mulheres enquanto cidadãs perante os homens em uma sociedade guiada por preceitos do patriarcado. Elas também apresentam as condições a que tais mulheres são historicamente sujeitas em diversas partes do mundo. O trabalho está dividido em duas partes maiores, onde na primeira é realizada uma contextualização do período e local onde se desenrolaram esses fatos, partindo-se do momento vivido pelos Estados Unidos (macro) até chegar à família Grimké, e conseqüentemente na figura de Sarah Grimké (micro). Já o segundo momento, é dedicado a apresentar o conteúdo das cartas da autora, problematizando alguns conceitos caros para o entendimento das ideias da autora, bem como para a área de estudos de gênero. Além de, em um momento final, realizar uma curta reflexão a respeito das influências, da permanência e atualidade dos pensamentos de Sarah.

Palavras-chave: igualdade; gênero; cartas; Grimké; Estados Unidos; mulheres.

ABSTRACT

The following paper aims to understand through the unique character of Sarah Moore Grimké and a brief analysis of her work, the context in which the claims for gender equality and its first developments first took place in the United States of the 19th Century, before the Civil War. Sarah wrote a total of fifteen letters which were given the name of *Letter on the equality of sexes and condition of woman*, and published in 1838. These letters are responsible for the dissemination of ideas which defend women equality as citizens to men in a society guided by patriarchal principles. They also describe the conditions to which women have been historically subjected in different parts of the world. The paper is divided in two larger parts. The first, in which there is a contextualization of the period and the location where these facts happen, beginning at the moment in the history of the United States (macro) leading to the Grimké family and consequently to the character Sarah Grimké (micro). Whereas, the second part is dedicated to presenting the content of the author's letters as well as analyzing some important concepts to the understanding of her ideas and to the field of the gender studies. Furthermore, in the final part, it reflects upon the influences, the permanence and the contemporary aspect of Sarah's ideas.

Keywords: equality; gender; letter; Grimké; United States; women.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	07
CAPÍTULO I – ESTADOS UNIDOS: UM CONTEXTO EM CONSTRUÇÃO	13
1.1 O despontar do século XIX nos Estados Unidos	13
1.2 Escravocratas do Sul	15
1.3 Reforma Moral e Religiosa	16
1.3.1 Fundação da Igreja Quaker	19
1.4 Situação da Mulher	20
1.4.1 Envolvimento das mulheres em movimentos abolicionistas	22
1.4.2 Pré-feminismo	23
1.5 Os Grimké	24
CAPÍTULO II – ANÁLISE DAS CARTAS DE SARAH GRIMKÉ	28
2.1 As Cartas	28
2.2 O conceito de igualdade em Sarah Grimké	32
2.2.1 “Appropriate Sphere”	33
2.3 O conceito de liberdade em Sarah Grimké	36
2.3.1 Relação casamento-escravidão	37
2.4 A importância de uma História das Mulheres em Sarah Grimké	39
2.5 O conceito de sororidade em Sarah Grimké	40
2.6 Considerações finais do capítulo	41
CONSIDERAÇÕES FINAIS	42
BIBLIOGRAFIA	46

INTRODUÇÃO

No início do século XIX, não somente nos Estados Unidos, mas na quase totalidade do mundo ocidental, as ideias a respeito daquilo que seria considerado um comportamento apropriado e definidor de gênero feminino ou masculino giravam em torno das diferenças naturais (biológicas) existentes entre mulheres e homens. Deles eram esperadas atitudes que os engrandecessem enquanto honrados líderes de família, para tanto, deveriam ser fortes, por vezes grosseiros, intelectualmente inseridos na sociedade, estáveis, seguros de si, práticos e com tino para o negócio, do qual tiraria o sustento de sua família. Já as mulheres, de acordo com as “normas” impostas pela sociedade em que viviam, deveriam incorporar o arquétipo da “verdadeira mulher”, demonstrando, acima de tudo, ser submissa ao próprio marido. A mulher deveria ser uma pessoa moralmente pura, seguidora de valores religiosos, elegante e delicada, emocionalmente estável e, obviamente, dedicada às lides domésticas e à educação dos filhos.

Essas condutas precisaram aquilo que seria apropriadamente feminino ou masculino e, também, determinaram as esferas de ação do gênero, ou seja, aos homens se destinava à esfera pública, tomada pelos negócios, produção e política, enquanto as mulheres eram limitadas às quatro paredes do lar, a esfera doméstica/privada. Acreditava-se que enquanto essas posições fossem mantidas, tanto no âmbito social, quanto no político, a ordem estaria mantida dentro do país.

Contudo, não foram poucos aqueles que, em desacordo com essas normas, passaram a contestar tal situação, e uma dessas pessoas será alvo de análise no presente trabalho. Sarah Moore Grimké (1792–1873) esteve entre as primeiras estadunidenses a expor suas discordâncias em relação ao sistema em vigor nesta época. Sarah, em conjunto com sua irmã Angelina Grimké (1805–1879), ousou contestar as condições as quais as mulheres, escravas e livres, eram sujeitas, e ambas foram pioneiras ao abordar o assunto e defender o fim das explorações baseadas em raça e gênero. (MCCANDLESS, 2011)

Dentro dos movimentos feministas da atualidade nos Estados Unidos, o nome de Sarah Grimké está em pé de igualdade no quesito pioneirismo da luta pela igualdade de gênero e, conseqüente reivindicação dos direitos das mulheres, com o de Abigail Adams. Sendo esposa de John Adams, segundo presidente do país, Abigail teria argumentado da importância de se destacar já na nova Constituição, quando em sua fase de construção, a igualdade de mulheres e homens enquanto cidadãos. Ideia essa que não foi bem aceita inclusive por seu próprio marido quando recebeu uma carta da esposa lhe solicitando que

[...] no novo Código de Leis, o qual eu suponho que será necessário a você fazer, eu desejo que você Lembre das Senhoras e seja mais generoso e favorável a elas do que seus antecessores. Não coloque um poder tão ilimitado na mão de seus Maridos. Lembre que todos os Homens podem ser tiranos se assim puderem. Se atenção e um cuidado particular não for dedicado às Senhoras nós estamos determinadas a fomentar uma Rebelião e nenhuma Lei que não nos dê voz ou Representação irá nos impor barreiras.¹ (ADAMS *apud* CULLEN-DUPONT, 1996, p. 3)

No entanto, na Europa, já no fim do século XVIII, dois documentos demonstravam a preocupação de algumas mulheres com a ordem das coisas naquele momento. A produção desses documentos é considerada pela maioria dos(as) historiadores(as) de gênero como marco do início das reivindicações organizadas por movimentações femininas. O primeiro desses documentos foi publicado em 1791, na França, e tinha como propósito trazer à tona a possibilidade de igualdade de direitos entre homens e mulheres, e foi intitulado de “Declaração dos direitos da mulher e da cidadã”, opondo-se à sua versão original, que então faria referência apenas à ala masculina da população francesa. O segundo documento foi publicado no ano seguinte na Inglaterra, sob a autoria de Mary Wollstonecraft e intitulado *Vindication on the Rights of Women* (ABREU, 2002, p. 443) e tinha por objetivo defender a igualdade de gênero e denunciar a condição da mulher sujeita as imposições do patriarcado. A divulgação deste e daquele documento foi responsável por inspirar a organização de muitas mulheres em diversos núcleos, os quais assumiram o dever de disseminar essas ideias e motivar o engajamento de ainda mais companheiras de luta na busca da conquista de seus direitos enquanto mulher, como o fez Sarah Grimké, ainda na década de 30 do século XIX.

A temática “gênero” e a contemporaneidade.

Esta temática reveste-se de grande importância por fazer parte de um momento em que a própria academia se renova e sente a necessidade de maior volume de publicações de teor feminista, seja ao teorizar o conceito de gênero ou ao realizar uma história das mulheres, que sejam de qualidade e com uma função educativa, como assim orienta Jacira Melo (2003). O presente trabalho está inserido dentro da temática “gênero” nos meios acadêmicos e sua consequente influência na produção de novas pesquisas. Em concordância com o que afirma Andrade, é possível que esse movimento tenha se dado, ou ainda esteja se dando, a partir da

¹ No original: “[...] in the new Code of Laws which I suppose it will be necessary for you to make I desire you would Remember the Ladies, and be more generous and favourable to them than your ancestors. Do not put such unlimited power into the of the Husbands. Remember all Men would be tyrants if they could. If perticular care and attention is not paid to the Laidies we are determined to foment a Rebellion, and Will not hold ourselves bound by any Laws in which we have no voice, or Representation”.

inserção de novos docentes e de uma reformulação da cultura histórica, mas também pela disseminação de coletivos feministas que angariam cada vez mais militantes para as suas frentes. Essas movimentações tiveram início quando as ideias da chamada segunda onda feminista, que tomou corpo nos anos 60, passaram a ser disseminadas dentro das próprias universidades e através de conferências internacionais a partir da década de 1970, resultando na ampliação do interesse nesta área e a conseqüente realização de novas pesquisas e produções (PINTO, 2010). Um exemplo muito atual, diz respeito à realização da Semana Acadêmica do curso de História desta Universidade, que trouxe para debate questões ligadas à temática de gênero. O principal objetivo tanto da realização desses encontros, como do incentivo a novas produções acadêmicas na área, é divulgar concepções e fomentar o debate e a construção de novos conceitos e ideias, a partir dos quais se delinearão caminhos, que ainda encontram-se tortuosos, para a teorização de uma história do gênero.

Além disso, é importante levar em consideração que é “através de suas publicações” que os atuais movimentos feministas, advindos principalmente de dentro de Universidades, “tem conseguido influenciar outros movimentos sociais, introduzindo as perspectivas de gênero, raça/etnia e orientação sexual em diversos debates, pesquisas e estudos de diferentes temas e abordagens”. (MELO, 2003, p.300)

Nesta produção, despretensiosa no sentido de realizar uma profunda teorização do conceito de gênero, parte-se do uso mais recorrente do termo, este defendido pela historiadora estadunidense Joan Scott (1986), que o apresenta enquanto uma categoria de análise social e historiográfica, relacionada a construções culturais que determinam formas de distinção entre feminino e masculino. A ideia é, justamente, a partir da apropriação do referido conceito contextualizar o momento histórico, neste caso início das reivindicações pré-feministas nos Estados Unidos, a partir da análise de fontes produzidas pela figura ícone de Sarah Grimké. Esta proposta, segundo Andrade “significa problematizar e historicizar muitos dos elementos conceituais que tem servido como instrumentos na feitura de uma história que pensa as mulheres na sua pluralidade como sujeitos e objetos da prática histórica.” (ANDRADE, 2008, p. 1)

O presente trabalho visa também realizar a divulgação do processo de gestação das reivindicações protagonizadas por mulheres por seus direitos, que posteriormente viriam a influenciar a organização dos chamados movimentos feministas nos Estados Unidos. A introdução de uma análise histórica a respeito de tal processo se faz necessária, pois no Brasil poucas são as publicações em português que tratam desta temática. Tendo os Estados Unidos produzido grandes autoridades na construção do pensamento feminista e de gênero, urge que

se faça este estudo, inclusive para apontar as possíveis influências que tanto as movimentações feministas, quanto pensadoras das áreas de Direito, Ciências Sociais e História, tenham atingido pensadoras(es) brasileiras(os).

Um exemplo muito claro do nível de influência do pensamento estadunidense nesta área, diz respeito ao envolvimento da líder das movimentações para a conquista do sufrágio feminino no Brasil, Berta Lutz, com a líder do respectivo movimento nos Estados Unidos, Carrie Chapman Catt. No ano de 1919, Lutz viajou para se inteirar dos métodos de luta empregados pelas mulheres estadunidenses em prol do direito ao voto, onde tornou-se amiga íntima de Catt. Quando de seu retorno para o Brasil, Lutz valeu-se daquilo que aprendera no exterior para movimentar as frentes em buscas do sufrágio feminino no Brasil. Catt e Lutz continuaram a trocar uma série de cartas com informações a respeito de suas ideias e do cenário político vivido por cada país. Entretanto, esta é apenas uma justificativa dentre tantas que são necessárias para instigar mais pesquisadores a partir para esta área de estudos, tanto aqueles relativos à História dos Estados Unidos, quanto àqueles que se referem ao gênero. No caso do presente trabalho, ambos.

Partindo-se para uma análise mais metodológica desta produção, é necessário que se esclareça de onde foram coletados os dados biográficos de Sarah Grimké apresentados no seguinte trabalho. Boa parte das informações foi retirada principalmente da biografia das irmãs Grimké produzida por Catherine Birney em 1885², baseada nas informações contidas em um diário pessoal de Sarah, ao qual a autora teve acesso, e em sua própria vivência com Sarah, com quem morou durante três anos.

Ela dá uma explicação interessante e profunda a partir de uma perspectiva de quem viveu durante a maioria do mesmo século que Sarah Grimké, acrescentando conhecimentos pessoais. Ela esteve próxima da ação retórica e, conseqüentemente, teve um grande entendimento daquilo que Grimké estava experienciando. [...] ela foca no espírito de Sarah Grimké e suas contribuições, e interpreta isso a partir de um ponto de vista de uma mulher também do século XIX.³ (HAMILTON, 1992, p. 7-8)

Contudo, estudos e análises realizados a partir de aspectos chave da vida de Sarah também serviram de apoio para traçar a trajetória percorrida pela autora. A publicação mais

² BIRNEY, Catherine H.. *Sarah and Angelina Grimké: The first american women advocates of abolition and woman's rights*. Boston: Lee And Shepard, 1885.

³ No original: "She gives an interesting and full account from the perspective of a woman who lived through most of the same century as Sarah Grimke, giving personal insights into the values and traditions of the time. She was closer to the rhetorical situation and, therefore, had a greater understanding of what the Grimkes were experiencing / [...]rather, she focuses on the spirit of Sarah Grimke and her contributions and interprets it from the standpoint of another nineteenth century woman".

recente que tem como tema central a vida de Sarah Grimké e sua luta pelo fim da escravidão e a defesa pelos direitos das mulheres, é um romance histórico lançado pela escritora Sue Monk Kidd no ano de 2014⁴. Para a produção dessa obra, a autora mergulhou nas diversas cartas de Sarah, bem como nas escritas de sua irmã Angelina, tendo por base também o trabalho produzido por Birney em fins do século XIX, apesar das ressalvas referente ao trato do tema escravidão, além da biografia produzida pela historiadora Gerda Lerner^{5 6}, escrita já na década de 1960. Para o ano de 2018, está previsto lançamento de uma nova biografia a respeito de Sarah Grimké e sua irmã, de autoria da escritora e historiadora, também estadunidense, Louise W. Knight⁷.

Atualmente, a ampla documentação que se tem disponível a respeito da trajetória das irmãs Grimké, se encontra na *William Clements Library*, na Universidade de Michigan, na cidade de Ann Arbor, e é composta de uma volumosa quantidade de cartas que as irmãs trocaram entre si e com diversos amigos(as) e companheiros(as) de luta. Autoras e autores que trabalharam com essas fontes alertam para necessidade de se comprovar realização de uma pesquisa com embasamento para ter acesso às mesmas. Contudo, grande parte deste material produzido por Sarah e Angelina Grimké pode ser encontrada disponível em domínio público em alguns sítios na rede.

Embora a produção de cartas das irmãs Grimké seja vasta, as que foram selecionadas enquanto fonte para análise neste trabalho são parte de um conjunto maior de publicações que se encerra com quinze cartas a respeito da temática de igualdade de gênero e condições da mulher no período anterior à Guerra de Secessão nos Estados Unidos. O referido conjunto recebeu o nome *Letters on the Equality of the Sexes and Condition of Woman*, tendo sido publicado separadamente a cada volume escrito no ano de 1837, e compilado em forma de livro no ano seguinte. Segundo o historiador estadunidense Eric Foner (2010, p. 479), as cartas se constituem em um “poderoso chamado pela igualdade de direitos para as mulheres e uma crítica à noção das esferas de ação separadas⁸”.

Os argumentos contidos nas cartas serão analisados a seguir, bem como algumas questões que permitem confirmar a atualidade contida nos pontos levantados por Sarah Grimké, que estão nesta documentação produzida há quase dois séculos. Diversas das

⁴ KIDD, Sue Monk. *A invenção das asas*. São Paulo: Paralela, 2014. 324 p. Tradução Flávia Yacubian.

⁵ LERNER, Gerda. *The Grimké Sisters from South Carolina: Pioneers for Women's Rights and Abolition*. Chapel Hill: University Of North Carolina, 1967. 400 p.

⁶ Não tive acesso à obra citada acima.

⁷ Informação retirada do site da autora <http://www.louisewknight.com/> acesso em 28/06/2015.

⁸ No original: “powerful call for equal rights for women and a critique of the notion of separate spheres”.

reivindicações, que na época, foram feitas pela autora já foram conquistadas nos dias de hoje, mas nem em todos os lugares do mundo, e mesmo naqueles em que os direitos foram conquistados a garantia de exercê-los na hora derradeira nem sempre é possível.

Para realização desta pesquisa, a maioria dos materiais pesquisados foram em língua inglesa, inclusive as cartas de Sarah Grimké que constituem a fonte primária. As citações que aqui serão apresentadas foram traduzidas pela própria autora, salvo aquelas que vierem seguidas de observação indicando que foram realizadas por outra pessoa⁹.

A pesquisa que se segue foi dividida de forma a em um primeiro momento, no Capítulo I, contextualizar no tempo e espaço a figura alvo de análise Sarah Grimké. Parte-se de uma abordagem que apresenta a situação dos Estados Unidos no pós-independência, enquanto seus esforços para convencer a população que ali se estava construindo uma nova nação. Ao mesmo tempo em que as diferenças políticas, econômicas e sociais se acirravam entre estados da região Norte e estados da região Sul, e encaminhavam o preparo do terreno para uma nova guerra, dessa vez entre os próprios compatriotas. Ainda neste capítulo, são problematizadas as reformas moral e religiosa que entraram em voga a partir da década de 1820, e suas influências na construção de um pensamento de liberdade baseado no fim da escravidão, e o envolvimento de Sarah Grimké neste contexto.

Já no capítulo II, os escritos de Sarah passam a ser o foco da análise, onde se procura evidenciar os conceitos de igualdade e liberdade de acordo com suas ideias, além de fazer uma simples avaliação do poder retórico contido nas palavras da Sarah. Ao término deste capítulo, tem início a exposição das considerações finais da autora a respeito das conclusões chegadas com essa pesquisa.

⁹ Traduções realizadas pela graduanda em História, com certificação em língua inglesa pela prova Cambridge, Camila Campos Marcet.

CAPÍTULO I - ESTADOS UNIDOS: UM CONTEXTO EM CONSTRUÇÃO

1.1. O despontar do século XIX nos Estados Unidos¹⁰

O século XIX iniciou nos Estados Unidos como um período de consolidações, com a necessidade de afirmação de sua independência, bem como a sua estruturação enquanto República. Erigia-se então, um país independente, que se declarava democrático e auto-suficiente, e que, guiado por pessoas virtuosas, marcharia em direção ao progresso e a prosperidade, livre de qualquer possível tentativa de colonização. A sua expansão inicial se deu a partir da compra de espaços ainda sob domínio de países europeus e de seu lançamento em expedições para conquistar terras a oeste, com o objetivo de solidificar esta que era chamada de a “República da Liberdade”.

Para dar suporte a essa política era preciso estimular o surgimento de um sentimento nacionalista, o que não pareceu ser difícil, uma vez que o otimismo também deveria ser característico dessa nova nação que emergia. A vitória em um novo conflito com a Inglaterra, em 1812, foi essencial para o princípio do exibicionismo estadunidense, pois parecia que se estava dando um recado aos europeus, como para lembrar de que eles não tinham mais domínio sobre aquelas terras. Em 1823, a chamada Doutrina Monroe veio para assegurar essa posição, defendendo a não-intervenção dos países europeus no continente americano com a máxima: “América para os americanos”, segundo Karnal *et al.* (2007, p.82) este foi “um dos primeiros passos da política externa norte-americana no séc. XIX”. Os Estados Unidos pareciam estar assumindo uma posição, por eles concebida, de protetores do Novo Mundo. Internamente, este é um momento em que se prega pelo individualismo, esse no sentido de afirmar que os estadunidenses não deveriam depender de ninguém ao não ser deles mesmos e conseqüentemente, “é claro, a independência pessoal por muito foi associada com a liberdade Americana”¹¹, o que teria levado muitos cidadãos a sacrificarem-se em favor do seu país. (FONER, 2010, p.353)

Em relação ao envolvimento novos conflitos externos este foi um período de relativa paz, o que auxiliou em sua rápida expansão e no crescimento do desenvolvimento econômico, guiado pela revolução do mercado em operação no momento. Com o surgimento de fábricas

¹⁰ Os pontos deste capítulo que dizem respeito a contextualização espaço-temporal foram elaborados com base nas obras de FONER, Eric. *Give Me Liberty! An American History*. W. W. Norton & Company, Inc. NY. 3ª edição. 2010.; KARNAL, Leandro et al. *História dos Estados Unidos: das origens ao século XXI*. São Paulo: Contexto, 2007. e MURRIN, John M. et al. *Liberty, Equality, Power: A History of the American People*. 5. ed. Boston: Thomson Corporation, 2008.

¹¹ No original: “Of course, personal independence had long been associated with American freedom”.

têxteis no norte do país e a demanda por matéria-prima na Inglaterra, houve um incremento da expressividade do algodão, de modo a influenciar na necessidade de mais mão de obra, o que levou ao aumento do número de escravos principalmente nas plantações da região sul. Esses escravos eram traficados e chegavam ao país a partir da Virgínia.

É importante destacar que o surgimento de novas tecnologias, a abertura de estradas de ferro e o advento do barco a vapor - que aumentaram a eficiência do transporte de pessoas e mercadorias e mudaram a concepção de velocidade -, bem como a consolidação de novos grupos sociais médios, expressados em uma ascensão comercial, somente foi possível pela decadência do mercado europeu. A Europa encontrava-se totalmente envolvida pelas Guerras Napoleônicas, contudo, com o seu término e a recuperação destes países, a demanda por produtos estadunidenses diminuiu consideravelmente, o que levou a uma crise econômica nos Estados Unidos, com consequentes falências e desempregos.

A tensão ocasionada pelas adversidades reacendeu antigos conflitos internos marcados por diferenças políticas que eram postas em evidência quanto mais o país se aprofundasse na crise, e a principal delas dizia respeito ao emprego de trabalho escravo nas produções agrícolas. Entre a população o desespero levou ao resgate valores tradicionais contrários ao progressismo que teria sido o responsável pela situação de crise em que se encontravam. Ocorreram fortes embates políticos na disputa presidencial com um sem número de acusações de fraudes. Abrandando um pouco, em 1828, foi eleito Andrew Jackson, presidente que se elegeu como representante do povo e trouxe consigo a ideia de uma nova época de democracia.

Por mais que a política expansionista do governo dos Estados Unidos tivesse como argumento principal a necessidade de se aumentar o nacionalismo de seus cidadãos para fortalecer a União, políticos dos estados do Norte não viam com bons olhos tal situação, pois temiam que com a conquista de novos e grandes espaços de terras os sulistas viessem a argumentar da necessidade de se legitimar essas conquistas baixo sangue e suor de escravos negros (aumento de poder dos políticos do sul). O tensionamento de divergências políticas entre estados do Norte e estados do Sul ficaria ainda mais evidente com a proposição da chamada Cláusula Wilmot (1846), que previa que todo e qualquer novo território anexado nas terras do oeste não poderia conter escravos, a qual confrontava o chamado *Missouri Compromise*, firmado em 1820, entre aqueles que eram favoráveis a escravidão nos novos territórios e os pró-abolicionistas. Tal compromisso resolveu por um curto período a questão da expansão da escravidão, dividindo o território da Louisiana, adquirido junto aos franceses, entre áreas livres e áreas onde a escravidão era permitida (FONER, 2010, p. 382). A

necessidade de se elaborar uma nova legislação para esses espaços “conquistados” acirrou as contradições políticas, e as divergências entre Sul e Norte que seriam levadas ao extremo anos mais tarde com a eclosão de uma guerra civil, ou como ficou conhecida, a Guerra de Secessão (1861-1865).

1.2. Escravocratas do Sul

Os estados da região Sul do país, configuravam-se como um reduto de escravos que estavam vinculados a plantações principalmente de algodão e tabaco. Este escravo negro degradado dependia exclusivamente de seu senhor que, sequer o considerava como um ser humano, tratando-o enquanto uma simples mercadoria, um mero objeto, ao qual se determinavam valores conforme a sua serventia. Em 1830, mais de 50% da população da Carolina do Sul era composta por escravos, embora o estado estivesse sob o controle de um grupo restrito de brancos donos de plantações. Neste período, a maior contestação desses políticos em relação ao governo central dizia respeito ao seu considerável aumento de poder, enquanto as legislações estatais independentes sofriam cada vez mais limitações, o que consequentemente diminuiria a influência dos estados do sul nos assuntos e determinações na esfera nacional.

Com a abolição da escravidão nas colônias britânicas em 1833, o sul dos Estados Unidos se tornou a maior e mais poderosa sociedade baseada em trabalho escravo em todo o mundo. Mas é importante destacar que mesmo após os estados do norte terem proibido a escravidão, suas indústrias mantinham dependência das plantações de algodão do sul, ou seja, dos escravos, e sem este suporte talvez o norte não tivesse alcançado o nível de desenvolvimento a que chegou neste período. Contudo, a perspectiva econômica do sul era muito diferente da do norte, não só pelo emprego da mão de obra escrava, mas pela dependência das *plantations* de algodão destinados à exportação, que gerava riquezas somente para os grandes proprietários. Não havia incentivo para emprego de grandes tecnologias, os bancos da região se voltavam exclusivamente para financiamento de produções, a vinda de imigrantes como trabalhadores assalariados não era encorajada, bem como, não se investia na produção de largas ferrovias, a ideia era que elas apenas chegassem aos portos da costa para que o produto pudesse ser encaminhado para as indústrias do norte e para a Europa, o que obviamente traria consequências no período pós-guerra civil quando da abolição da escravidão em todo o país.

O ritmo dessa sociedade era ditado pelas regras impostas pelo próprio estilo de vida *plantation*, e os donos dessas grandes plantações e de um expressivo número de escravos eram os que detinham o controle da população local, assumindo papéis como os de líderes partidários da região. Os mais ricos e poderosos se concentravam no estado da Carolina do Sul, que como será destacado a seguir, é de onde provem a família Grimké.

Ao se referir ao estilo de vida dessas famílias, Foner vale-se de uma citação de Tocqueville, que observou a seguinte peculiaridade ao visitar os Estados Unidos na década de 1830: “os habitantes do norte amam fazer dinheiro, os habitantes do sul, gastá-lo”¹². (*apud* FONER, 2010, p.422) Caracterizados por uma sociedade agrária, hierarquizada e regida por relações paternalistas baseada na honra, na qual o homem era responsável por manter a si e sua família devidamente íntegros, obviamente que imbuídos por um ardoroso sentimento de masculinidade. Uma vida regrada pelas aparências e por aquele que os historiadores denominaram como sendo um Código de Honra

O código de honra, apesar de formar laços de igualdade e respeito entre os homens brancos, fazia rígidas distinções entre homens e mulheres e brancos e negros. Mulheres e meninas que não se comportassem - com transgressões que passavam desde simples fofocas, uma manutenção pobre da casa até adultério - manchavam não só a sua própria reputação, mas também a honra de seus pais, irmãos, ou maridos que não conseguissem controlá-las.¹³ (MURRIN, *et al*, 2008, p.288)

1.3. Reforma moral e religiosa – *The Second Great Awakening*

Com a consolidação de um novo modelo econômico, principalmente em operação nos estados do Nordeste dos Estados Unidos, baseado em relações de mercado, industrialização e urbanização, e intensas mudanças no âmbito social, que evidenciaram a situações de pobreza, alcoolismo, prostituição entre outras, percebeu-se também a necessidade de se operarem melhoras neste sentido. Particularmente muitas pessoas foram em busca de um ambiente que embora não lhes fizesse superar esses infortúnios, as ajudasse ao menos a amenizar o mal-estar instaurado. Este conforto foi proporcionado principalmente pela igreja cristã protestante, a qual também passava por um período de reformulação devido aos câmbios operados na

¹² No original: “the northerner loves to make money, the southerner to spend it”.

¹³ No original: “The code of honor, although it forged ties of equality and respect among white men, made rigid distinctions between men and women and whites and blacks. Women and girls who misbehaved—with transgressions ranging from simple gossip to poor housekeeping to adultery—damaged not only their own reputation but also the honor of the fathers, brothers, or husbands who could not control them”. Traduzido por Camila Marcet.

sociedade estadunidense, que ficou conhecido como *Second Great Awakening*, ou revivalismo.

Desde a virada do século a Igreja Protestante já percebia a necessidade de um crescimento no número de fiéis frequentando os seus altares, com isso, enquanto instituição auxiliou na consolidação do ideal individualista estadunidense estimulando a renovação da autoconfiança e da determinação do indivíduo como um atributo necessário ao cidadão da nação que se consolidava. Insistia-se que o indivíduo como um agente moral livre, poderia realizar uma leitura pessoal dos preceitos do cristianismo, tendo assim, a liberdade de julgar aquilo que seria melhor para si, bem como alcançar a salvação pela própria fé. Segundo Foner (2010, p.360) “a reforma abriu a religião para a participação em massa e a sua mensagem de que os ordinários Americanos poderiam melhorar seus próprios destinos espirituais ecoando com a propagação dos valores do mercado”.¹⁴

Entretanto, ao mesmo tempo, também contestava-se esse individualismo quando conformado de maneira excessiva e egoísta, ou seja, defendia-se que a reforma fosse estruturada em bases cooperativas capazes de reorganizar uma sociedade, dividida pelas necessidades impostas pela nova lógica de mercado, a partir de relações harmônicas unissem os indivíduos a partir de uma causa comum. Conseqüentemente, neste período houve um significativo aumento do percentual de pessoas que aderiram à Igreja Protestante, ou a organizações de caridade a ela vinculadas, principalmente, entre os batistas e os metodistas.

O renascimento religioso na fronteira (sul e oeste) fortaleceu sentimentos de piedade e moralidade pessoal, mas não chegou a estimular a benevolência organizada ou manifestações por um **reforma social** generalizada¹⁵. As tendências reformistas foram mais evidentes no tipo de renascimento religioso surgido na Nova Inglaterra e na parte ocidental do estado de Nova York. Em sua maioria congregacionais e presbiterianos, fortemente influenciados pelas tradições puritanas, os evangelistas do Norte promoviam reuniões menos emotivas do que as da fronteira, e encontraram terreno muito fértil nas cidades de tamanho pequeno e médio. (KARNAL, 2007, p.91)

Essa reforma não estava em voga somente nos Estados Unidos, foi um movimento internacional onde as principais causas defendidas eram a necessidade do fim da escravidão, de paz e cooperação, do fim do consumo de álcool e de direitos às mulheres. Esse movimento iniciado no nordeste do país passou a reivindicar por mudanças que iriam além do indivíduo e que tinham por objetivo a melhora da sociedade como um todo. Alguns núcleos passaram a

¹⁴ No original: “The revivals’ opening of religion to mass participation and their message that ordinary Americans could shape their own spiritual destinies resonated with the spread of market values”.

¹⁵ Grifo da autora.

contestar ações do governo e da sociedade em busca de uma renovação moral da população estadunidense que se iniciaria com o término da opressão da população negra sujeita à escravidão. A maioria dos envolvidos nessas movimentações em prol de uma reforma social, a partir de preceitos evangélicos, eram membros de grupos sociais médios, que viam um novo caminho para a prosperidade do país através do desenvolvimento moral de cada cidadão.

Indubitavelmente, os esforços para consolidação dessas possíveis mudanças foram alvo de críticas daqueles que ou, não se sentiam contemplados ou, por aqueles que vislumbravam os prejuízos que sofreriam advindos da reforma. Esses eram compostos por senhores escravocratas que perderiam seus escravos com a efetivação da abolição, e ainda, poderiam sentir-se ultrajados com a emancipação feminina e, aqueles por grupos de imigrantes, em sua maioria, católicos, os quais não compartilhavam das mesmas ideias de liberdade que os protestantes. Inclusive, a dicotomia carregada pelo termo “individualismo” fez com que aumentassem às contestações ao movimento, a respeito deste impasse Foner esclarece

Reformistas tiveram que reconciliar seus desejos de criar uma ordem moral e sua busca para aumentar a liberdade pessoal. Eles fizeram isso através de uma visão de liberdade que era controladora e libertadora ao mesmo tempo. Por um lado, reformistas insistiam que seu objetivo era permitir que americanos aproveitassem uma liberdade genuína. Em um mundo no qual liberdade pessoal significava, cada vez mais, oportunidade para competir por ganho econômico e evolução individual, eles falavam de libertar americanos de várias formas de "escravidão" que tornavam o sucesso impossível - escravidão da bebida, da pobreza, do pecado. Por outro lado, os reformistas insistiam que a realização pessoal era alcançada através da auto-disciplina. Sua definição do indivíduo livre era a pessoa que havia internalizado a prática do auto-controle.¹⁶ (FONER, 2010, p.462-463)

Esta onda reformista atingiu com força os lares da elite estadunidense, pregava-se inclusive o controle dos impulsos sexuais como forma de proteger a família dos desvios morais, como a prostituição, por exemplo, que teria origem em pais e maridos que não resguardaram suas mulheres e filhas, mas principalmente, para não desvirtuar a pureza feminina. Este ponto evidencia o quanto as tradições do patriarcado estavam naturalizadas na sociedade estadunidense da época, isto é, as mulheres deveriam manter e aperfeiçoar seus

¹⁶ No original: “Reformers had to reconcile their desire to create moral order and their quest to enhance personal freedom. They did this through a vision of freedom that was liberating and controlling at the same time. On the one hand, reformers insisted that their goal was to enable Americans to enjoy genuine liberty. In a world in which personal freedom increasingly meant the opportunity to compete for economic gain and individual self-improvement, they spoke of liberating Americans from various forms of “slavery” that made it impossible to succeed—slavery to drink, to poverty, to sin. On the other hand, reformers insisted that self-fulfillment came through self-discipline. Their definition of the free individual was the person who internalized the practice of self-control. Traduzido por Camila Marcet.

dotes femininos inatos, preparando-se ao longo de sua instrução para uma vida destinada ao matrimônio, na qual, literalmente deveriam servir ao seu marido, que as estimulavam a competir entre si em um mundo de futilidades para instigar e satisfazer os seus próprios desejos.

Pregava-se que esta reforma moral deveria ser conduzida pela vontade própria de cada indivíduo, e mesmo devendo restringir-se ao interior dos lares ”às vezes, a domesticidade evangélica organizava cruzadas morais para disseminar o caráter da reforma pelo mundo. Muitas dessas cruzadas eram lideradas por mulheres”¹⁷. (MURRIN, et al, 2008, p.378). Parecia que, essas mulheres, imbuídas de sua fé, e de um sentimento de responsabilidade pela integridade e organicidade do ambiente familiar, bem como, pela educação de seus filhos e, por vezes de escravos, havia tomado para si a frente com relação à disseminação da reforma moral. Além do que, os próprios membros da igreja acreditavam que mais do que a devoção que essas mulheres dedicavam à sua fé, a docilidade, a pureza e a amabilidade femininas, convenceriam mais facilmente um maior número de adeptos à causa.

Importante destacar que, muito embora, com o tempo algumas das Igrejas Protestantes tenham aberto espaços para a pregação por intermédio de vozes femininas, e tenham proporcionado a elas os seus primeiros contatos com o que viria a se configurar em uma ação política, inicialmente se tirou muito proveito de suas capacidades. Os líderes religiosos perceberam que as mulheres haviam alcançado um patamar moral e religioso mais elevado que os homens, o que, em conjunto com o uso de seus dotes femininos, tão valorizados pelo patriarcado, faria com que fossem ampliadas as possibilidades de se trazer mais engajados para a causa. Por mais que a vinculação dessas mulheres a grupos religiosos defensores da reforma tenha lhes proporcionado um meio de ação, não o foi assim desde o princípio, e foi a tomada de consciência do potencial de suas ações que as levaram a crescer dentro da instituição e a ocupar espaços que até então vetavam a sua participação.

1.3.1. Fundação da Igreja Quaker nos Estados Unidos

Nos Estados Unidos, a igreja Quaker se consolidou através do inglês William Penn, quando em 1682, este fundou uma grande colônia para que os *quakers* pudessem se instalar, a qual ficou conhecida Pensilvânia, onde se permitia que todas as religiões coexistissem em

¹⁷ No original: “Sometimes, however, evangelical domesticity produced moral crusades to impose that ethos on the world at large. Many of these crusades were led by women”.

paz. Este grupo religioso constituiu a igreja mais liberal fruto da Reforma Protestante ocorrida no século XVI na Europa.

De acordo com Karnal (2007, p. 53-54), após sofrer perseguição na Inglaterra devido a difusão de suas ideias e ter se refugiado na então colônia britânica no chamado Novo Mundo, Penn estabeleceu uma comunidade-modelo, para a qual obteve então uma vasta extensão de terra a oeste do rio Delaware. A fundação da Pensilvânia chamou atenção de novos colonos de diversos pontos do mundo, pois além de garantida a liberdade religiosa Penn ainda fornecia terras para cultivo gratuitamente. Antes da criação desta comunidade, os *quakers* eram alvo de opositores puritanos e muitos acabavam mortos, entretanto houve aqueles que mudassem de frente desiludidos com o puritanismo e migrassem para a Sociedade de Amigos, como também eram conhecidos os membros da igreja Quaker.

Com a morte de seu fundador vieram a cabo diversos conflitos devido a desavenças entre as diversas religiões que conviviam no mesmo espaço, o que levou a diminuição da liberdade de expressão anteriormente conquistada. Ainda assim, este território continuou sendo um dos locais com maior tolerância religiosa até então conhecido.

A religião Quaker pregava a filosofia do igualitarismo, ou seja, defendiam uma sociedade livre de hierarquias, e argumentavam de que a existência de Deus se dava dentro de TODAS as pessoas (“cada homem é o sacerdote de si mesmo”). Com o tempo, alas mais radicais passaram a condenar a escravidão, pois a privação da liberdade de um homem o impediria de aceitar as responsabilidades do cristianismo. Tal atitude se refletia na administração do estado da Pensilvânia, pois a política era dominada por participantes da igreja Quaker, o que permitiu que desde 1780, com o advento de leis emancipacionistas nos estados do Norte, escravos negros adquirissem sua liberdade. Os *quakers* fundaram inclusive escolas para crianças afro-americanas, um ponto que evidencia as disparidades entre Norte e Sul, pois neste além da permanência da escravidão era proibido a alfabetização da população negra.

Embora, neste ponto do capítulo, a atenção tenha sido direcionada mais para a inserção do *quackerism* nos Estados Unidos, é de imprescindível destacar que esta religião foi uma das mais engajadas, durante o *Second Great Awakening* em, além de espalhar as ideias da reforma moral, tentar adequar suas estruturas internas às exigências do momento.

1.4. Situação da Mulher

Timidamente a revolução do mercado também abriu caminhos, anteriormente nunca traçados, para as mulheres. Contudo, o culto à boa “dona de casa”, mãe responsável e esposa dedicada não sofreu grandes alterações. A mulher era responsável por manter o lar como um ambiente seguro para o marido, sendo um abrigo distante das loucuras e disputas trazidas pelo novo sistema econômico, configurando-se em um sustentáculo da harmonia familiar. Nesse período, a liberdade da mulher de classe média, segundo Foner (2010, p. 264), era em parte uma liberdade do próprio trabalho, isto é, da possibilidade de não precisar trabalhar e ainda, poder empregar outra mulher para trabalhar para si, e dar conta dos serviços domésticos.

Com o início da industrialização e o surgimento de fábricas têxteis no norte do país, mulheres oriundas de famílias de pequenos fazendeiros foram contratadas para trabalhar em seus moinhos. Para que seus pais não pensassem que elas estariam vivendo de maneira promíscua a vida privada dessas moças era extremamente regulada. Contudo, essa pseudoindependência tinha curta duração, pois logo elas acabavam voltando para suas casas no momento de casar, ou como muitas famílias fizeram, migraram para o oeste, onde teriam adquirido novas terras para plantio. Aquelas já casadas, ainda que, pudessem trabalhar, mesmo que por pouco tempo, estavam sujeitas ao controle dos maridos, os quais recebiam seus salários e assinavam seus contratos, situação que permaneceu sem alteração até o período posterior à Guerra de Secessão.

Quando falamos de mulheres que viviam nos estados do sul do país neste mesmo período, identificamos basicamente três “tipos” de ideal feminino: as esposas de pequenos proprietários rurais, as esposas de donos de escravos e *plantations* e, as mulheres escravas.

As primeiras eram representantes do que poderíamos chamar de grupos médios brancos, são esposas de proprietários de fazendas que funcionam à base da unidade familiar. Entre elas era comum um número maior de filhos, que com o tempo seriam inseridos no trato do campo para auxiliar na produção da família. Essas mulheres eram responsáveis pelos cuidados e execução de trabalhos internos da casa e dos jardins. As senhoras dos grandes proprietários compunham a elite local e eram responsáveis por administrar o bom andar da casa, encarregadas principalmente de designar tarefas aos seus empregados, em sua maioria, escravos, além de supervisionar as plantações quando da ausência de seus maridos. O trabalho era para mulheres desta posição um sinal de degradação de sua condição social, elas representavam o ideal da feminilidade desejado pelos homens, exibindo beleza, delicadeza, erudição, mas de preferência, nenhum senso crítico, pelo menos não que devesse ser exposto.

Comparadas às mulheres do norte, que com as possibilidades de trabalhar fora de casa, reduziram a taxa de filhos por família, aquelas que viviam no sul tardaram mais meio século para romper com alguns ideais impostos pelo chamado patriarcado. E como veremos adiante, os movimentos pela igualdade de direitos serão os maiores responsáveis por essa e outras mudanças.

Já entre as mulheres escravas era de se esperar que a situação fosse bem diferente. Muitas vezes privadas da possibilidade de permanecer com suas famílias, não contavam com um marido que as pudesse defender dos abusos dos capatazes e dos donos de escravos. A elas eram delegadas funções de limpeza, costura, cozinha e os primeiros cuidados com as crianças dos seus “senhores”. Quando conquistavam o direito a um mísero pedaço de terra, produziam muitos de seus próprios alimentos. Dedicavam seus cuidados ao grupo de escravos de seu reduto, buscando ali resgatar e manter a sua própria cultura, bem como, compartilhar maneiras de sobreviver às crueldades de um sistema escravocrata.

Apesar das generificações presentes na sociedade estadunidense do século XIX, que formalizavam a situação da mulher como excluída da esfera política e restrita ao ambiente doméstico, isso não necessariamente eliminou a possibilidade que poucas delas, partícipes da elite principalmente, tiveram de influenciar em algumas (limitadas) decisões de âmbito social, mas com implicações políticas. O fato de uma de suas responsabilidades envolver a educação dos próprios filhos as levou a reivindicar o próprio aprendizado, ou seja, o seu acesso a educação, apenas para citar um exemplo.

1.4.1. Envolvimento das mulheres em movimentos abolicionistas

Os Estados Unidos como um todo estava atravessando um período de remodelação religiosa, moral e social, e o conseqüente engajamento das mulheres brancas nessas frentes as levaram a olhar para si mesmas e perceber que a maneira com que se enxergavam não mais fazia sentido em meio há tantas mudanças. Essa tomada de consciência as permitiu assumir uma posição de contestação frente às estruturas vigentes e, o primeiro espaço encontrado por elas nesse sentido foi na luta pela abolição da escravidão iniciada em estados da região Norte do país. Esse novo lugar que pouco a pouco era ocupado pelas mulheres durante o decorrer da década de 1830, ensinou-as a melhor exprimirem-se e, de acordo com Käppeli (1991), foi justamente a partir de seu engajamento no movimento anti-esclavagista que elas encontraram uma espécie de “escola política”.

Os movimentos em prol do fim da escravidão defendiam principalmente uma nova ideia e liberdade, que deveria preceder a todas as outras concebidas até então, ou seja, aqueles que se tornassem livres a partir da abolição deveriam primeiramente ter a liberdade de se considerar cidadãos dos Estados Unidos da América. Isto implicaria em uma ampla mudança de concepção não só no Sul do país, mas também no Norte, onde embora, boa parte dos estados tenha abolido a escravidão nas primeiras décadas do século XIX, continuava a não se considerar a população negra livre como digna de cidadania, lhes negando um direito que deveria ser inerente a todo e qualquer ser humano.

Segundo a autora Baubérot, as campanhas pelo fim da escravidão foram desenvolvidas dentro de grupos Protestantes norte-americanos, tendo iniciado com William Lloyd Garrison, através de uma publicação no jornal *Liberator*, onde era editor, que defendia a imediata abolição da escravidão em todo o país.

Ele (Garrison) quis dirigir-se especialmente às mulheres, a fim de que lutassem pela libertação das mulheres negras, entregues à crueldade e à ‘concupiscência’ dos homens. O seu apelo foi rapidamente ouvido por um punhado de mulheres das classes superiores, que consagraram as suas vidas e puseram em jogo a sua posição social para organizar um movimento anti-esclavagista feminino. (BAUBÉROT, 1991, p. 247)

A proliferação de tais ideias se dava principalmente a partir de discursos para grandes públicos, iniciados dentro das próprias igrejas e com o tempo ocupando espaços cada vez mais amplos. O uso de discursos era uma prática comum para chamar a atenção de um número maior de pessoas, levando-as a se sensibilizar com a causa, e as mulheres souberam aproveitar essa porta que lhes foi aberta, ocupando o papel de oradoras.

Durante a década de 1830, foram criadas diferentes associações femininas em prol da libertação dos escravos¹⁸, possibilitando então no que ano de 1837, em Nova York, tivesse lugar o primeiro congresso anti-esclavagista feminino. As mulheres se engajaram neste movimento porque acreditavam que era possível reverter essa ordem do sistema e acabar com a instituição da escravidão. Pouco a pouco elas foram percebendo e compreendendo que as repercussões dessa movimentação lhes proporcionaram uma nova posição na sociedade, identificando a si mesmas como atrizes políticas emergentes do cenário estadunidense anterior a Guerra de Secessão.

¹⁸ A saber, a Sociedade de Boston, em torno das irmãs Chapman, a Sociedade da Filadélfia, de origem Quark e com a participação de mulheres negras, e a presbiteriana de Nova York.

1.4.2. Pré-feminismo

O envolvimento em atividades relacionadas ao movimento abolicionista possibilitou às mulheres traçar novos caminhos e marcar o seu espaço na esfera pública, que se encaminhou para o início das reivindicações vinculadas aos direitos de igualdade de gêneros e, conseqüente, necessidade de se demarcar os direitos das mulheres. O historiador Eric Foner (2010, p. 478) defende que foi batalhando pelos direitos dos escravos negros que as muitas mulheres passaram a conceber com novos olhares à subordinação social a que estavam sujeitas e o seu status legal.

À questão da escravatura foi, pois, acrescentada uma polémica sobre os direitos das mulheres. Esta ligação entre os dois problemas é importante, porque certas militantes teriam podido ficar impressionadas com a argumentação dos pastores, se se tivesse tratado apenas de seus próprios interesses. Mas parecia-lhes que combatiam por uma causa divina, e isso ajudou-as a resistir ao discurso religioso dirigido contra elas. No entanto, as mais conscientes entre elas compreenderam que, doravante, era necessário levar a cabo um combate global por 'uma nova ordem das coisas'. (BAUBÉROT, 1991, p. 248)

Como veremos a seguir, as irmãs Sarah e Angelina Grimké foram as primeiras a fazer tal relação e a aplicar a doutrina abolicionista de liberdade universal, isto é, igualdade racial e igualdade de gênero. Além do que, nos idos de 1830, não era convencional que se olhasse para as mulheres negras nem como partícipes do gênero mulher, menos ainda como uma irmã de causa, aquelas que, por ventura, o fizeram, como as irmãs Grimké, defendendo-as e convocando-as para a luta pelos direitos das mulheres eram consideradas as mais radicais dentro do movimento.

1.5. Os Grimké

Os Grimké¹⁹ se constituíram em uma típica família de posses da região Sul dos Estados Unidos. Durante o verão se mantinham estabelecidos em Charleston, no estado da Carolina do Sul, nos outros períodos do ano, se direcionavam a cidade de Beaufort onde ficavam suas plantações de algodão. O pai de Sarah, John Faucheraud Grimké, além de

¹⁹ Reintegro que a construção deste subcapítulo, que trás dados biográficos de Sarah Grimké e sua família, se deu a partir da pesquisa bibliográfica como um todo, mas principalmente a partir de informações fornecidas por Kidd (2014) em suas notas e por Birney (1885) na biografia das irmãs Grimké. Um livro de grande importância e que engrandeceria o conteúdo dessa produção é o da autora Gerda Lerner (1967), *The Grimké Sisters from South Carolina: Pioneers for Women's Rights and Abolition*, que consiste na biografia mais recente das irmãs, a qual não tive a possibilidade de acesso.

detentor de uma grande quantidade de escravos e extensas propriedades no estilo *plantation*, fora capitão do Exército Continental durante a Revolução Americana e ocupara cargos como Juiz e Chefe de Justiça no estado e, obviamente, um fiel representante da lógica social patriarcalista em vigor na época. Casou-se com Mary Smith, moça advinda de uma família tradicional sulista donos de uma grande fortuna. Algo comum para mulheres do Sul, embora tenha se alterado em casos da região Norte, a então, Sra. Grimké não fugiu a regra, dando à luz a nada menos do que dez crianças, entre meninos e meninas, sendo Sarah a sexta a nascer.

Na infância, após ser alfabetizada, Sarah teve como tutor o próprio irmão Thomas, com o qual aprendia a respeito de ciência, geografia, matemática e latim, e desde cedo participava dos debates acirrados dentro de casa. O pai estimulava a exposição de seus argumentos para que os irmãos mais novos fossem instigados ao debate, alimentando o seu sonho de tornar-se advogada. Mas quando Sarah lhe contou que desejava ter uma carreira profissional, assim como ele, de jurista, o pai acabou com suas possibilidades ao afirmar “Você é uma menina. O que você quer com Latim, Grego ou filosofia? Você nunca poderá usá-los”²⁰ (BIRNEY, 1885, p.18), pois tal formação se destinava apenas a garotos e que a ela apenas seria permitido o acesso à sua biblioteca.

Desde cedo, Sarah presenciou as crueldades sofridas pelos escravos e discordava da maneira como a sociedade em que vivia estava estruturada. Quando ainda na infância, em duas ocasiões, uma escrava negra lhe foi dada como presente. Na primeira vez, sua recusa não foi aceita pela mãe, entretanto, quando da morte desta escrava, que ainda era uma criança, Sarah resistiu firmemente e a mãe cedeu, ironizando o comportamento da filha que seria extremamente “teimosa”.

Em busca de significados e propostas que se relacionassem com suas convicções e ética, embora frequentasse a Igreja Episcopal da qual sua família fazia parte, Sarah identificou-se mais tarde com a Igreja Presbiteriana de Charleston caracterizada por sua forte eloquência. Ao assumir os preceitos da religião, Sarah passou a evitar a circulação em meio às futilidades da sociedade, contudo, ainda não havia encontrado respostas ou suporte suficiente que lhe permitissem agir de maneira efetiva para mostrar suas discordâncias em relação ao sistema vigente.

Contando já com vinte e seis anos de idade, e dedicando-se a cuidar do pai enfermo a mais de um ano, acompanhou-o em uma viagem à Filadélfia para novo tratamento médico, entretanto ele não resistiu. Esta sua primeira estada no Norte lhe apresentou a religião dos

²⁰ No original: "You are a girl; what do you want of Latin and Greek and philosophy? You can never use them".

Quaker, com quem ela permaneceu durante um ano, acompanhando as movimentações da chamada *Society of Friends* onde os devotos se reuniam. Sarah passou a ler obras do então líder Quaker, John Woolman e, sendo atraída principalmente pelo fato desse grupo religioso fazer oposição a escravidão e incentivar a participação de mulheres em cargos de liderança, optou pela conversão e mudou-se para Filadélfia.

Essa primeira visita ao Norte foi o evento mais importante da vida de Sarah porque as influências e as impressões recebidas lá deram alguma forma às suas disposições vagas e rebeldes, e mostraram a ela um raio de luz além do caminho emaranhado que ainda se estendia a sua frente..²¹ (BIRNEY, 1885, p. 22)

Ao assumir o *Quakerism*, Sarah sentiu que naquele ambiente encontraria mais espaço como igual, não veria seus caminhos sendo cerceados por uma diferenciação de gênero. A autora Carlacio (2002) ainda argumenta que Sarah foi atraída para junto dos *quakers* pelo fato de que esse grupo não aderiria a uma estrutura hierárquica como ela estava acostumada a experimentar nas igrejas que frequentou no Sul.

Na verdade, o seu desejo por justiça e seus próprios princípios morais foram possivelmente os fatores centrais que a atraíram para o Quakerism, cujos membros acreditavam não somente na abolição e na resolução pacífica de problemas violentos, mas também na capacidade de tanto homens quanto mulheres ministrarem de acordo com a sua 'luz interior'.²² (CARLACIO, 2002, p. 250)

A irmã mais nova, Angelina, da qual Sarah era madrinha e, responsável por sua formação educacional, logo seguiu seus passos, mostrando-se uma eloquente oradora, até mais fervorosa do que a própria irmã. Não tardou muito para que se juntasse á Sarah e os *quakers* no Norte e assumisse lugar nas tribunas defendendo a liberdade do povo negro e, posteriormente, das mulheres. Ambas se uniram a grupos em defesa da abolição como a *American Anti-Slavery Society (AAS)* em Nova York, e, além das participações como oradoras, produziram folhetos apoiadores da causa, escreveram para jornais antiescravistas, e ainda, participaram de um boicote a alimentos que fossem produzidos a partir da exploração de mão de obra escrava. O seu engajamento nesses movimentos levou a que, primeiro

²¹ No original: This first visit to the North was the most important event of Sarah's life, for the influences and impressions there received gave some shape to her vague and wayward fancies, and showed her a gleam of the light beyond the tangled path which still stretched before her". Traduzido por Camila Marcet.

²² No original: "In fact, her desire for justice and her own moral standards were arguably the key factors that attracted her to Quakerism, whose members believed not only in abolition and in peaceful solutions to violent problems but also in the ability of both women and men to minister according to their 'inner light'. Traduzido por Camila Marcet.

Angelina e conseqüentemente Sarah, fossem proibidas de retornar à sua cidade natal, que mantinha-se um firme reduto da escravidão.

Durante seis meses, entre os anos de 1836 e 1837, através do custeio pela *American Anti-Slavery Society*, as irmãs Grimké realizaram uma série de viagens por todo o território dos Estados Unidos, carregando a tarefa de disseminar, através da eloqüência característica de ambas, a luta pela abolição da escravidão. Elas foram as primeiras mulheres a palestrar para um público misto, e, logicamente, as primeiras a ser condenadas pela sociedade conservadora e patriarcal em que viviam, até no norte, onde supostamente gozariam de menos restrições do que no sul. Foner (2010, p. 479) acrescenta que, com o objetivo de responder às críticas e justificar a ocupação de tal papel, “elas francamente não defendiam somente o direito da mulher de participar do debate político, mas igualmente o seu direito de compartilhar os privilégios sociais e de educação desfrutados pelos homens”²³. Seus discursos proporcionavam a identificação de outras mulheres pelos simples fato de se estar dando voz àqueles sentimentos internos de cada uma, como se pela primeira vez elas estivessem sendo ouvidas em seu íntimo e suas vontades de reivindicação sendo passadas para toda a sociedade.

Embora, inicialmente, Sarah e a irmã ao discursar publicamente procurassem manter a questão da mulher subordinada à causa da abolição, isso tornou-se praticamente inviável quando em meados de 1837 ambas publicaram uma série de escritos a respeito das condições e luta por direitos femininos. Angelina publicou *Letters to Catherine E. Beecher*, um debate a respeito de colonização e abolição, e Sarah deu início à produção de suas *Letters on the equality of the sexes and condition of woman*, objeto de análise do próximo capítulo deste trabalho.

Apesar das irmãs Grimké terem negado que elas introduziram o tópico de direitos das mulheres em suas palestras anti-escravocatas, suas cartas revelam que elas frequentemente discutiam esse tópico novo e fascinante. Elas sentiam que precisavam delinear os argumentos dos direitos das mulheres, tanto como uma estratégia de defesa para justificar sua presença socialmente ofensiva na plataforma quanto como uma técnica convincente para encorajar mulheres em suas audiências a agirem.²⁴ (GOLD, 1981, p.359)

²³ No original: “In reply, they forthrightly defended not only the right of women to take part in political debate but also their right to share the social and educational privileges enjoyed by men”.

²⁴ “Although the Grimke's denied that they introduced the topic of woman's rights into their anti-slavery lectures, their letters reveal that they often discussed this new and fascinating topic. They felt they needed to delineate the woman's rights arguments, both as a defensive strategem to justify their socially offensive presence on the platform, and as a persuasive device to encourage the women in their audiences to act”. Traduzido por Camila Marcet.

Sarah Grimké foi a primeira mulher nos Estados Unidos a escrever, o que atualmente é considerado, um manifesto feminista e sua irmã, Angelina Grimké foi a primeira mulher a se pronunciar diante de um conselho legislativo em fevereiro de 1838, quando apresentou uma petição assinada por mais de 20.000 mulheres favoráveis ao fim da escravidão em todo o país (CULLEN-DUPONT, 1996, p. 107). Após a intensificação de sua militância em defesa da igualdade de gênero, tanto Sarah quanto a irmã foram expulsas da igreja Quaker, essa por se casar fora da religião e aquela, por comparecer ao casamento da irmã. Uma desculpa extremamente inconsistente vinda do comitê de Supervisores dos *quakers* que desaprovavam o radicalismo das irmãs ao falar de **igualdade** racial e de gênero.

CAPÍTULO II – ANÁLISE DAS CARTAS DE SARAH GRIMKÉ

2.1. As Cartas

Entre os meses de julho e outubro de 1837, Sarah Grimké escreveu uma série de cartas composta por quinze volumes, cujo conjunto recebeu o nome de *Letters on the equality of the sexes and the condition of woman* e possibilitou a permanência das ideias e concepções defendidas pela autora ao longo do tempo. Todas as cartas eram remetidas a Mary S. Parker, presidente da *Boston Female Anti-Slavery Society*, e foram publicadas no *New England Spectator*, a convite do seu editor, que desejava aumentar a circulação do seu jornal. No ano seguinte, as cartas foram todas agrupadas para uma publicação conjunta em forma de livro. Segundo a própria autora, suas cartas contêm uma nova mirada para o assunto, com o intuito principal de despertar as mulheres de sua época para a necessidade de se lutar por direitos que as pusessem em patamar civil, político, jurídico e religioso de igualdade com o sexo masculino. Entretanto, Sarah defendia que suas ideias, embora radicais para uma mulher em sua época, eram pertinentes e mereciam atenção justamente por estarem manifestas dentro do que ela chama de Livro Sagrado ou Bíblia, ou seja, essa luta seria digna, pois aos olhos do Deus cristão tanto homem quanto mulher foram criados sem distinção.

Ao examinar esse assunto importante, eu dependerei exclusivamente da Bíblia para determinar a esfera da mulher, porque eu acredito que quase tudo que já foi escrito sobre esse assunto é resultado de uma ideia errônea das verdades simples reveladas nas Escrituras, causada por traduções falsas de várias passagens das Escrituras Sagradas.²⁵ (GRIMKÉ, S., 1837, p. 4)

Em seus escritos, Sarah pontua que, independente das traduções (neste caso, para o inglês) e interpretações que tenham sido feitas das escrituras ao longo do tempo, cada um, seja homem ou mulher, deve ter a possibilidade de se acreditar capaz de interpretar a Bíblia a partir de suas próprias visões e entendimentos, e com isso, selecionar o que será levado adiante ou não em sua vida. Essa posição de Sarah deve-se fundamentalmente pelo seu envolvimento com a religião dos *quakers*, que defendia a interpretação pessoal da Bíblia como um de seus fundamentos. Pessoa alguma deveria ser influenciada, ou obrigada, a aceitar

²⁵ No original: “In examining this important subject, I shall depend solely on the Bible to designate the sphere of woman, because I believe almost everything that has been written on this subject, has been the result of a misconception of the simple truths revealed in the Scriptures, in consequence of the false translation of many passages of Holy Writ”. Traduzido por Camila Marcet.

as interpretações daqueles que, ao realizar tal ato, tem como único interesse subjugar a outros seres humanos.

Para contestar tal situação, Sarah debruçou-se sobre a versão da Bíblia em grego antigo, traduzindo-a, ela mesma, para o inglês, com o argumento de que não se deveria simplesmente aceitar uma interpretação tradicional, a qual fora elaborada por homens fruto de uma sociedade patriarcal, em defesa de seus interesses pessoais, com finalidade única de inferiorizar e oprimir aquela que deveria ser a sua companheira. Tanto Sarah quanto sua irmã Angelina, valeram-se da educação religiosa que tiveram para atacar as bases do patriarcado, aceitando a Bíblia como um guia, traçaram as suas próprias conclusões a respeito dos direitos da mulher (e também da situação dos escravos). (McCANDLESS, 2011)

Neste ponto é oportuno realizar um breve apanhado daquilo que é exposto ao longo das quinze cartas de Grimké em defesa da igualdade entre os sexos e a respeito da situação da mulher. As três primeiras publicações possuem uma relação mais próxima com os estudos de tradução da Bíblia realizados pela autora. Começando pela sua *Letter I*, onde ela demonstra a partir de excertos do livro bíblico a Gênese que a mulher é igual ao homem desde sua origem. A *Letter II* demonstra que em momento algum Deus teria privado a mulher de igualdade ao homem, e que ela estaria sujeita somente a Deus. Na *Letter III*, Sarah faz uma crítica ao documento publicado pela *General Association of Congregational Ministers of Massachusetts*, lançando mão de partes das escrituras em defesa das mulheres. Já em sua *Letter IV*, o ponto defendido é que mulheres e homens foram dotados de inteligência e moralidade, fato que lhes proporcionaria uma relação como iguais. As cartas *V* e *VI* fazem uma análise global da condição da mulher nos continentes africano e asiático, assim como a *VII* o faz em relação a essas condições na Europa e na América, e a *VIII*, volta às atenções para essas condições em seu próprio país, os Estados Unidos. A *Letter IX* destaca mulheres que em algum momento da história estiveram em justaposição com os homens. Nas cartas de *X* a *XIV*, Sarah evidencia as maneiras pelas quais as mulheres foram historicamente oprimidas por uma sociedade dominada por homens, na qual eram impossibilitadas de acessar espaços e posições, devido ao condicionamento que lhes foi imposto enquanto seres inferiores moral e intelectualmente incapazes. Já a *Letter XIV*, a última dentre essas publicações, defende que para que as mulheres saibam seus reais deveres, elas necessitam ter noção de quais são os seus direitos, o que leva a autora a fazer um chamado para que as mulheres se unam em prol de um bem comum, a conquista de sua igualdade perante os homens.

Muito embora, esse conjunto de cartas seja o legado documental mais importante (e de amplo conhecimento, principalmente de militantes feministas estadunidenses) de Sarah

Grimké, em 1936, um ano antes do princípio das publicações em defesa da igualdade de sexos, ela demonstrava já ter domínio sob esse gênero literário. Endereçada aos líderes da Igreja Protestante na região Sul do país, como já explicitado anteriormente, dominada por fazendeiros escravagistas, donos de grandes latifúndios, a carta contestava a situação de escravidão a qual estavam sujeitos os afro-americanos, e solicitava auxílio da Igreja, enquanto instituição, na luta pela abolição, que já se encontrava em andamento no norte do país, onde Sarah então residia. Esta carta ficou conhecida como *An Epistle to the Clergy of the Southern States* e, posteriormente veio a público através do jornal/revista da *American Anti-Slavery Society* (AASS). Segundo a professora de inglês Jami Carlacio (2002), especialista em estudo da retórica, o próprio formato de escrita escolhido pela autora diz muito sobre as mulheres do referido período, pois a elas era delegada a função de receber e responder as missivas em nome da família. Contudo, é importante destacar que tal atividade era apenas superficial, para não dizer fútil, pois estava circunscrita a assuntos que diziam respeito às esferas do social e da administração do interior da casa, e também, limitada a mulheres da elite, as poucas que tinham acesso à alfabetização. Ainda que, longe de ter grande alcance, algumas (dessas poucas) apropriaram-se desta possibilidade e

[...] mais importante ainda, esse gênero literário deu poder às mulheres para fazer suas preocupações (pessoais) serem ouvidas. Ainda que, não fossem formalmente treinadas na arte de escrever cartas, as mulheres certamente absorveriam seus principais elementos retóricos: uma saudação, um resumo do problema seguido pelo debate em si, e uma conclusão. Elas aprenderam a adotar esses princípios de acordo com as normas da situação - quer isso significasse comunicar visões religiosas ou promover suas próprias visões (políticas).²⁶ (CARLACIO, 2002, p. 254)

Inserida neste contexto, Sarah viu nas cartas uma possibilidade de comunicação com o seu público alvo, mulheres brancas cujo destino era unir-se na empreitada contra a escravidão e na reivindicação de seus direitos, pois, como ela argumenta: estando submissas somente a Deus, esses seriam os seus “reais deveres”. Reprimidas e impossibilitadas de se manifestar publicamente, essas mulheres utilizavam a escrita de missivas para expressar seus sentimentos e desejos pessoais, como se dessa forma pudessem ser ouvidas, partindo pressuposto de que há uma relação entre remetente e destinatário, uma vez que se escreve algo *para* alguém, esse alguém (receptor(a)) irá ler/receber e compartilhar de suas ideias e anseios. Inclusive, não era

²⁶ No original: “[...] more importantly, this genre ultimately afforded women the power to voice their own (personal) concerns. Though not formally trained in the art of letter-writing, women were certain to absorb its key rhetorical elements: a salutation, an outline of the problem followed by the argument itself, and a conclusion. They learned to adopt these principles according to situational dictates—whether this meant communicating religious visions or promoting their own (political) views”. Traduzido por Camila Marcet.

incomum a publicação de cartas apócrifas ou não subscritas nos veículos de comunicação da época, que eram enviadas por mulheres.

Ao mesmo tempo, Sarah e a irmã Angelina estavam sendo cada vez mais criticadas pelo fato de manterem a sua política de discursar em público, agora não mais exclusivamente para mulheres, pois diversos homens, fosse para censurá-las ou em concordância com suas palavras, passaram a ser atraídos para tais eventos. Inicialmente os discursos eram em apoio aos movimentos abolicionistas em vigor e evoluíram para o campo do que, hoje em dia, chamamos de gênero, a partir do momento em que as irmãs vislumbraram e passaram a externar que a situação vivida pelas mulheres, a qual era caracterizada por privações de liberdades, que não deixava de ser uma condição possível de ser comparada a uma vida de escravidão.

Houve uma intensificação das críticas, advindas inclusive do próprio movimento abolicionista, acusando as irmãs Grimké de estar desvirtuando a causa e direcionando suas forças e às atenções dos adeptos(as) para outros interesses, neste caso, a luta pela igualdade entre ambos os sexos. Sarah encontrou nas cartas uma alternativa, um meio para se expressar e se comunicar com o público feminino, que se configurou ainda mais eficiente do que os seus pronunciamentos, justamente por possuir um alcance maior (pois as publicações/informações contidas em jornais – onde as cartas foram publicadas - chegavam com mais facilidade ao público destinado), assim despertando cada vez mais mulheres, que se identificaram e conseqüentemente sensibilizaram-se com o propósito da luta.

Uma peculiaridade da autora, ao contrário do que era esperado de qualquer mulher que se permitisse, ou obtivesse permissão, para publicar seus escritos e opiniões, é que ela fazia questão de assinar as suas missivas, e com seu nome original, livre de pseudônimos ou anonimatos, como era de costume. Sarah, embora enfrentasse alguns conflitos internos, sempre pregou pelo bem social comum a todos, buscando agir de maneira a ser justa, ética e coerente, nem que para isso precisasse enfrentar o patriarcado. Contudo, buscando amenizar um pouco o impacto as cartas eram endereçadas a Mary S. Parker (p. 28), mas iniciavam sempre com *Dear Friend* (querida amiga) ou *My Dear Sister* (minha querida irmã), ou seja, poderia estar tanto se referindo a Parker, quanto a todas as mulheres estadunidenses conclamado-as para a luta em defesa de seus direitos. Como nos conta a professora Carlacio: “a natureza ‘pessoal’ da carta (como gênero literário) permitiu Grimké a liberdade de dizer de

uma maneira particularmente ostensiva de comunicação o que ela não poderia dizer livremente em uma (carta) pública”²⁷. (CARLACIO, 2002, p. 253)

Direcionando a atenção mais exclusivamente para o conteúdo das cartas é possível perceber que certa inquietação atinge leitoras e leitores desde o início, no que diz respeito aos recursos teóricos utilizados autora. Começam a surgir questionamentos relativos à sustentação de seus argumentos, ou seja, em qual base ela teria se apoiado para atacar pontos nevrálgicos de uma sociedade tradicional, onde o único espaço relegado à mulher era o ambiente familiar e/ou religioso, com tamanha determinação. Com um olhar um pouco mais criterioso é possível identificar que, além de leituras da Bíblia, Sarah desenvolve sua argumentação, a partir de leituras jurídicas e acadêmicas (mesmo com limitação de acesso a homens, a autora teve acesso a diversas informações através da biblioteca do pai e do irmão, como relatado no capítulo anterior), raciocínio lógico e um pouco de experiência pessoal e senso ético apurado, que lhe permitiu compreender o mundo em que vivia e enxergar suas mazelas. Para não cair em erro e transmitir falsas informações, Sarah procurou sempre justificar os dados apresentados através de fatos e exemplos, evitando a formulação de hipóteses.

2.2. O conceito de **igualdade** em Sarah Grimké

Após realizar a tradução da Bíblia do grego para o inglês, Sarah Grimké iniciou um processo de análise e interpretação desses escritos e muitas de suas conclusões foram utilizadas como argumentos para a defesa da igualdade de sexos. Na primeira carta da série, intitulada *The Original Equality of Woman* (A verdadeira igualdade da mulher), a autora critica os escritos que fazem referência a “criação” do homem, aqui tratado como ser humano/espécie, não tendo identificado excerto algum que denotasse distinção entre mulheres e homens. Pois, segundo a Bíblia: “Então, Deus criou o homem a sua imagem. À imagem de Deus ele foi criado. Homem e mulher. Ele **os** criou”²⁸, isto quer dizer que, em nenhum momento, se teria feito referência à superioridade de um ou outro. Para Sarah, o termo “**os**” (em inglês, *them*) faz referência a ambos, sem distinção. Eles teriam sido “criados” perfeitamente iguais. Apenas essa contestação das Escrituras Sagradas já seria o bastante para levantar uma grande polêmica na sociedade da época, contudo, ela foi apenas a questão base, ou disparadora, para todos os outros pontos que Sarah viria a apresentar em defesa da

²⁷ No original: “The ‘personal’ nature of the letter allowed Grimké the freedom to say in an ostensibly private communication what she might not be able to say freely in a public one”.

²⁸ No original: “So God created man in his own image, in the image of God created he him, male and female created he them”.

igualdade de sexos. Posto que, se tanto o homem quanto a mulher foram criados à imagem e semelhança de Deus, como nos diz sua interpretação da Bíblia, seria errôneo supor que a mulher deveria viver baixo domínio de seu igual. Sua única resignação (ou de ambos) seria para com Deus.

Seguindo esta mesma linha de pensamento, Sarah faz referência ao caso de Adão e Eva, defendendo que, ao ter sido seduzida pela serpente e comido o “fruto proibido”, Eva estava coberta pela ignorância, pois até então não havia entrado em contato com o mal, apenas conhecia a bondade e o amor. E, Adão, ao invés de repreendê-la ou alertá-la de seu erro teria, então, compartilhado de seu “pecado”. Ao fazer isso, Adão perdeu qualquer possível superioridade que pudesse vir a ter em relação a sua companheira, pois ambos foram marcados como “pecadores” e expulsos do paraíso, motivo pelo qual segundo a autora, não haveria qualquer razão para distingui-los moral e intelectualmente, ou quanto a quem seria mais ou menos responsável pelo ocorrido, demonstrando uma vez mais que ambos foram destinados a igualdade.

O famoso versículo do Gênesis 3,16 (“Os teus desejos dirigir-se-ão para o teu marido e ele dominará sobre ti”), frequentemente citado para justificar uma relação de dependência entre a mulher e o homem, parecia-lhe, por exemplo, uma simples previsão do que ia acontecer em consequência do pecado original e não uma ordem de Deus, não a legitimação divina de uma superioridade masculina. (BAUBÉROT, 1991, p. 249)

2.2.1. “Appropriate Sphere”

O termo *appropriate sphere* é ironicamente empregado por Sarah Grimké, pois foi como a ordem das igrejas protestantes do Sul se referiu a esfera de atuação da mulher, quando respondeu às publicações da autora. Argumentaram que as mulheres não deveriam, nem poderiam interferir em assuntos da esfera pública, que diziam respeito unicamente ao trato masculino, e então, enfatizaram que não somente Sarah, mas que todas as mulheres, deveriam se restringir a sua *appropriate sphere*, ou seja, manter-se de acordo com a estrutura social por eles pregada, estando limitada às lides domésticas. Em resposta a autora argumenta que tal reprimenda seria uma afronta aos desígnios de Deus, pois uma vez criados como iguais, fazer uma distinção quanto à esfera de atuação de cada um configuraria um ato de paganismo. Em opinião veementemente conteste, Sarah argumenta que

[...] nós vemos que em nossa irmandade clerical dos dias atuais ecoam esses sentimentos pagãos, que empenham-se em afastar mulheres do campo do trabalho

moral e da cultura intelectual, para ocuparem seus talentos na busca de atividades que a permitirão regalar o paladar de seu lorde com as iguarias da mesa, e, na melhor medida do possível, cuidar de seu conforto e sua gratificação animal. Na minha humilde opinião, a mulher tem servido aos interesses do homem por demasiado tempo.²⁹ (GRIMKÉ, S., 1938, p.38-39)

Há um ponto nas cartas de Sarah que merecem destaque não tanto pela importância de seu conteúdo, mas por denunciar maneiras pelas quais as mulheres foram subjugadas e relegadas a esferas sociais inferiores, o que embasa ainda mais seus argumentos em defesa da necessidade da igualdade de gênero. Durante a *Letter VI* (1838, p.27-31) que trata das condições das mulheres nos continentes asiático e africano, mas que poderia ser, e foi, assim em todos os lugares do mundo, a autora condena as formas pelas as quais essas mulheres foram dominadas. Em resumo, pois não caberá aqui desenvolver ponto a ponto, e sim elucidar as visões de Sarah quanto ao descaso e a crueldade que foram aplicadas às mulheres no passado, e que, infelizmente, ainda podemos presenciar na atualidade, alguns termos serão postos em destaque para uma análise despreziosa.

O emprego de palavras como *sell* (venda), *lend* (empréstimo), *pay* (pagar), *price* (preço), caracterizam a mulher enquanto um objeto passível de ser avaliado, pesado (*weighed*) e *traded* (negociado/barganhado), ao qual seria agregado um valor pecuniário qualquer. Isso quando essas mulheres não fossem vítimas de *gambling* (jogo de azar/apostas) ou *raffle* (sorteio/rifa), sendo tratadas enquanto uma *gratification* (gratificação), uma mera recompensa. Outras palavras como *marriage market* (mercado de casamentos), *slavery* (escravidão), *articles of speculation* (artigos de especulação) demonstram o espaço reservado para essas mulheres, muito semelhante, embora em diferentes sociedades, ou seja, estas mulheres seriam algo menor que o mais baixo ser humano (do sexo masculino, lógico), a qual estaria, ou destinada a uma vida de esposa dedicada, cujo casamento teria sido forjado por interesses entre famílias, ou a uma vida enquanto prostituta, podendo vender a si mesmo pelo preço a que os homens estivessem dispostos a pagar, ou ainda, a uma vida enquanto cativa (regime de escravidão), a qual se dispensa maiores apresentações neste ponto.

Segundo Sarah, em sua *Letter VIII* (1838, p. 46-55) essas três categorias impostas para a colocação social da mulher, podiam muito bem ser identificadas dentro da própria sociedade estadunidense. Mulheres casadas eram caracterizadas enquanto *pretty toys* (brinquedos

²⁹No original: “[...] we find our clerical brethren of the present day re-echoing these pagan sentiments, and endeavoring to drive woman from the field of moral labor and intellectual culture, to occupy her talents in the pursuit of those employments which will enable her to regale the palate of her lord with the delicacies of the table, and in every possible way minister to his animal comfort and gratification. In my humble opinion, woman has long enough subserved the interests of man”. Traduzido por Camila Marcet.

bonitinhos) ou *dolls* (bonecas) de seus maridos, que as encorajavam a seguir um estilo de vida baseado em vaidades, as de “vida fácil” eram reles *instruments of pleasure* (instrumentos de prazer), enquanto as escravas negras eram conhecidas por *brood mares*, termo que fazia referência às éguas de cria, ou seja, serviam reprodutoras ao fornecer ainda mais escravos para a perpetuação do sistema vigente.

Considerando-se os aspectos apresentados acima, Sarah via as mulheres enquanto vítimas de uma sociedade patriarcal regida por interesses masculinos. Essas situações representariam formas das quais o homem se apropriou para reafirmar o seu poder por sob a mulher. Quanto a isso Sarah (1838, p. 71) a partir de sua própria experiência alertava: “Eles (homens) sabem que pelo tempo em que nos submetemos a sermos vestidas como bonecas, nós nunca poderemos alcançar estágios de dever e utilidade dos quais eles desejam nos excluir”³⁰.

As cartas de Sarah estão repletas desses exemplos de situações ao redor do mundo e em seu país, em que a mulher esteve sujeita ao “poder” masculino, “poder” esse que não lhe foi designado por Deus, segundo sua análise das Escrituras. E, em não tendo sido essa autoridade dada por Deus, ela não seria legítima. Autodenominando-se uma boa seguidora de Deus em todos os seus preceitos, Sarah permite-se o seguinte questionamento: se Deus não fez referência alguma entre os sexos, por que se insistia tenazmente na permanência de distinções entre o que seria feminino e masculino? Para tal, logo ela responde (1838, p.16): “Homens e mulheres foram CRIADOS IGUALMENTE; ambos são seres moralmente responsáveis, e o que é certo para o homem fazer, é certo para a mulher”.³¹

Ao defender a igual responsabilidade moral, tanto entre os homens como entre as mulheres, Sarah intercede pelo acesso das mulheres a cargos de ministério dentro das estruturas da Igreja, ou seja, que mulheres deveriam possuir a mesma autoridade ao pregar para os fiéis em seus encontros. Sentimento esse, trazido do envolvimento com os *quakers*, os quais defendiam que independente de gênero, ambos, homem e mulher, seriam igualmente capazes de disseminar a fé cristã. Nas palavras da própria autora (1838, p. 102) “as mulheres são agora chamadas para este ofício bem como os homens, porque Deus em momento algum lhes retirou o privilégio desse grandioso trabalho de pregadoras”³².

³⁰ No original: “They know that so long as we submit to be dressed like dolls, we never can rise to the stations of duty and usefulness from which they desire to exclude us”.

³¹ No original: “Men and women were CREATED EQUAL; they are both moral and accountable beings, and whatever is *right* for man to do, is *right* for woman”.

³² No original: “[...] women are now called to that office as well as men, because God has nowhere withdrawn that privilege of doing what is the great business of preachers”.

Em síntese, para Sarah Grimké, segundo McCandless (2011, p.9), “a opressão de um ser humano por outro, quer se trate dos Cristãos no mundo antigo ou, dos negros e mulheres no mundo moderno, era moralmente errada e uma clara oposição ao conceito divino de **igualdade** de todas as almas³³”.

2.3. O conceito de **liberdade** em Sarah Grimké

Segundo Kalina Silva e Maciel Silva, em seu Dicionário de Conceitos Históricos (2005, p. 262-266), liberdade é um “conceito de muitas faces”, isto é, “um tema ao mesmo tempo histórico, filosófico e político” e uma vez que, implica na produção de diversos significados ao longo do tempo se faz necessária uma dedicada análise dos discursos dos mais variados atores e atrizes sociais. Os autores alertam para o fato de que a liberdade deve ser pensada “como uma construção histórica, ou seja, uma noção de que mudou e continua mudando ao longo do tempo”.

Na primeira metade do século XIX liberdade nos Estados Unidos, segundo Tocqueville (apud FONER, 2010, p.358), era um conceito que, devido às mudanças operadas pelas reformas moral e religiosa, passou a significar para as pessoas uma combinação entre: “noções de Cristandade e de liberdade tão intimamente em suas mentes que é impossível fazer com que concebam um sem o outro”³⁴. Contudo, é necessário esclarecer que, até então nesse período, liberdade tinha uma relação intrínseca com os interesses em se manter a ordem escravista estabelecida pelo patriarcado, e não com uma intenção de criticar a ordem vigente. Então, qual seria a ideia liberdade reivindicada por tanto por Sarah Grimké, quanto por aquelas que aderiram aos seus chamados?

A tomada de consciência por parte das mulheres a respeito da necessidade de lutar por seus direitos levou a diversas consequências no decorrer do século XIX, uma delas foi a diminuição da taxa de natalidade nos Estados Unidos. Seja pela influência que esses movimentos pré-feministas tiveram nas gerações seguintes, seja pelas exigências da revolução mercadológica em processo – que tirava os homens de casa por mais tempo e levou a possível conscientização das mulheres a respeito do número de filhos dentro de casa. Estas situações não deixam de demonstrar como as mulheres dessa época entendiam e reivindicavam a sua liberdade. No próximo item adentraremos mais detalhadamente nesse aspecto.

³³ Grifo da autora.

³⁴ No original: “combine the notions of Christianity and of liberty so intimately in their minds that it is impossible to make them conceive the one without the other”.

2.3.1. Relação casamento-escravidão

No Sul, as distintas formas de dominação desenvolvidas pelo homem foram feitas em conjunto com o desenvolvimento da escravidão, isto é, as mesmas bases foram aplicadas para a dominação por sobre as mulheres. Relações patriarcais foram utilizadas para justificar a subjugação de mulheres e escravos.

Interessante perceber que dentro desta tradição anglo-saxônica existia inclusive um termo que era utilizado para caracterizar essa situação de opressão da mulher pelo companheiro. A palavra *coverture*, que segundo dicionário Oxford³⁵, em sua tradução literal seria “proteção”, “cobertura”, enquanto seu significado aplicado em legislação ou historicamente faz menção ao “status legal de mulher **casada**, considerando o fato de ela estar sob proteção e autoridade do próprio marido”³⁶. Isto implica que os próprios Códigos de Lei Comum reforçavam e legitimavam esses costumes de uma mulher restringida à esfera privada, para não dizer doméstica, subordinada ao homem. Ao casar, abria mão em benefício de seu marido, de suas propriedades, da guarda dos filhos em caso de divórcio (nesta época não era permitido na Carolina do Sul), do controle de seu dinheiro, inclusive de testemunhar na corte judicial, o que prova que a instituição casamento implicava a aplicação de uma pena cruel, a privação da liberdade da esposa. Tal subordinação afirmava um estado de “morte civil” da mulher, ou seja, a própria lei negava às mulheres a possibilidade de construção de uma identidade civil.

As limitações impostas pelo preceito de *coverture* inibiam qualquer possibilidade de ação feminina do que dissesse respeito à esfera pública, e neste período, o fato de a quase totalidade das legislações vigentes no país não permitir o acesso de mulheres no âmbito político delegava aos maridos, a partir do *coverture*, a representação das mesmas na arena política o que somente serviu para reforçar sua submissão às estruturas do patriarcado. Como vimos no capítulo anterior, a tomada de consciência feminino enquanto suas possibilidades de ações na esfera pública, a partir de sua participação na frentes de movimentos abolicionistas, levou-as a reivindicar por uma igualdade, inicialmente civil, contudo, movimentos posteriores passaram a falar de algo que até então não havia sido externado por um conjunto de mulheres,

³⁵ <http://www.oxforddictionaries.com/definition/english/coverture> - acesso em 29/06/2015.

³⁶ No original: “The legal status of a **married** woman, considered to be under her husband’s protection and authority”.

que veio a ser a questão do sufrágio feminino, que asseguraria uma igualdade política a partir da possibilidade da mulher votar e ser eleita³⁷.

Em momento algum de seus escritos Sarah Grimké iguala o sofrimento da mulher branca casada ao sofrimento da mulher negra escrava, contudo, ela argumenta que ao adquirir o status de casada, a mulher livre, ou devamos dizer, somente mulher branca, perde a sua condição enquanto um ser legal, isto é uma cidadã, o que a aproximaria ainda mais da mulher escrava. Foner (2010, p.484) defende que, foi justamente a identificação com um status de tamanha privação de liberdade que levou às mulheres deste período a relacionar a instituição casamento com escravidão, e esse “conceito de ‘escravidão do sexo’³⁸” foi o que “fortaleceu/empoderou o movimento das mulheres desenvolvendo uma crítica abrangente à autoridade masculina e a sua própria subordinação”³⁹.

O emprego de metáforas, intensificadas pelo alto teor de ironia, são uma constante nas cartas de Sarah, principalmente nos momentos em que ela se refere ao homem/marido e como ele trata sua esposa, quando ao menor deslize de suas referidas obrigações, como no seguinte excerto: “A mulher persa, sob domínio do **mais gentil mestre**, é tratada da mesma maneira que o se animal preferido. Variar suas graças pessoais para prazer dele, é o único fim e objetivo de sua existência”⁴⁰ (GRIMKÉ, S., 1938, p. 35)

É importante lembrar, que as mulheres estavam amplamente envolvidas na execução da reforma moral em voga neste momento nos Estados Unidos, o que teria influenciado na essência de suas reivindicações. Ao defender a abolição da escravidão, ou seja, o fim da possibilidade de um ser humano ser tratado enquanto propriedade, fez com elas compreendessem a necessidade de se alterar a sua condição, pois também deveria ter fim o fato dos homens tratarem as mulheres enquanto suas propriedades. Imagino que Foner (2010, p. 482) traduza bem a ideia de liberdade almejada por Sarah e pelas mulheres do período anterior à guerra civil, eternizada em seus discursos e, ainda mais, em suas cartas: “Quer, casadas ou não, as primeiras feministas insistiram: mulheres merecem estender suas escolhas

³⁷ As chamadas *Suffragettes* atuaram na Inglaterra e nos Estados Unidos, principalmente nas duas primeiras décadas do século XX, durante o que ficou conhecido com primeira onda do feminismo. Consistiam em um grupo de mulheres brancas de classe média que reivindicavam o direito à participação política através da possibilidade de voto. Nos Estados Unidos, a conquista do sufrágio feminino se deu quando da aprovação da 19ª Emenda Constitucional, a qual proibia que qualquer estado da União restringisse a participação em eleições com exclusão por base em gênero. Para maiores informações a respeito das *Suffragettes* ver KARAWEJCZYK, Mônica. **As suffragettes e a luta pelo voto feminino. História, imagem e narrativas.** nº 17, out/2013. Disponível em: <http://www.historiaimagem.com.br> acesso em 14/06/2015.

³⁸ Neste caso “sexo” refere-se a gênero, e não ação.

³⁹ No original: “[...] the concept of the “slavery of sex” empowered the women’s movement to develop an all-encompassing critique of male authority and their own subordination”.

⁴⁰ No original: “A Persian woman, under the dominion of the kindest master, is treated much in the same manner as a favorite animal. To vary her personal graces for his pleasure, is the sole end and aim of her existence.”

individuais – a possibilidade de realização pessoal – o que constitui a essência da liberdade”⁴¹.

2.4. A importância de uma História das Mulheres em Sarah Grimké

Muito embora, em seus escritos, mais precisamente em sua *Letter VI – Women in Asia and Africa*, Sarah destaque apenas mulheres vinculadas à realeza, podemos afirmar que a autora foi defensora do resgate de uma história que não fale apenas das grandes realizações e conquistas dos homens, aqui, sexo masculino, e sim, ao rememorar, mulheres ícones da história desde a antiguidade inicia um processo de dar voz a esse agente que muito foi “apagado” da escrita da história do ocidente. Importante destacar, que um movimento como tal somente irá adquirir espaço em fins da década de sessenta do século XX, devido ao aumento do número de mulheres nas universidades, o que impulsionou a produção científica das mesmas, PELAS mesmas, abrindo assim um “novo” espaço para a mulher, que passará a não mais ser TÃO relegada e ter seus feitos diminuídos, por vezes, excluídos da história. Assim, a autora afirma que “[...] sem dúvida, se a mulher não houvesse sido universalmente diminuída e degradada, a página da história poderia ter exibido tantos estadistas e políticos entre as mulheres quanto homens”⁴². (GRIMKÉ, S., 1838, p. 33)

No caso de Sarah Grimké é evidente a importância de sua participação e de outras tantas mulheres estadunidenses na construção da história que posteriormente seria escrita, pois o seu intenso engajamento nas frentes de divulgação dos movimentos abolicionistas foi essencial para a consolidação da emancipação dos escravos negros em seu país. Embora, muitas tenham sido reconhecidas por seus empenhos, como o foi Sarah, a maioria continua desconhecida devido à maneira como a história foi escrita posteriormente.

É possível afirmar que um estudo a respeito do pensamento de Sarah Grimké e de suas implicações para movimentações femininas posteriores, consiste na construção de um novo discurso no âmbito da escrita da história que está em operação atualmente. Essa ampla documentação produzida pela autora, e também, àquelas produzidas por sua irmã Angelina, constituem importantes objetos de análise para reflexões a respeito da construção do conceito de gênero nos Estados Unidos e suas possíveis influências em movimentos para além de suas fronteiras.

⁴¹ No original: “Whether married or not, early feminists insisted, women deserved the range of individual choices—the possibility of self-realization—that constituted the essence of freedom”.

⁴² No original: “[...] and doubtless if woman had not almost universally been depressed and degraded, the page of history would have exhibited as many eminent statesmen and politicians among women as men.”

2.5. O conceito de **Sororidade** em Sarah Grimké

Mesmo se tratando de um conceito contemporâneo com uma dimensão ética, política e prática, é possível identificarmos nas cartas de Sarah exemplos do que chamamos de **sororidade**, isto é, momentos em que a autora propõe um “pacto” as suas irmãs (aqui falamos de irmãs de causa) para que se unam em combate às imposições do patriarcado, contrárias ao jogo por eles criado que as incitava a competir, muitas vezes brigar, entre si para servir aos interesses do desejo masculino. Era preciso quebrar um dos braços mais fortes do patriarcado, essa rivalidade entre as próprias mulheres. Em união elas deveriam construir um sólido escudo contra o verdadeiro opressor, e tal união feminina serviria para lutar contra aquilo que devia ser destruído e não fortalecido, ainda mais por aquelas que são subjugadas e tão humilhadas por esse sistema.

Ao clamar pela adesão de mulheres à causa, Sarah o fazia com autoridade e paixão, não com o objetivo de exercer controle ou provar o próprio poder, mas para mostrar que era sim possível através da união conquistar a tão desejada igualdade entre os sexos. É, justamente isso que a sororidade representa, é como uma tática de luta que, uma vez contrária à rivalidade entre mulheres, é capaz de dar unidade ao movimento de modo a liquidar com a opressão de gênero. Sarah conseguiu ultrapassar o sentimento de “rivalidade” que a sociedade em que vivia lhe impunha e viu nas mulheres companheiras de luta, invocando-as a cada vez que subia em um novo palco para discursar e ainda mais, ao publicar suas cartas, que buscavam uma identificação com este público. Ela buscou abrir os olhos de suas irmãs para a real situação a que estavam sujeitas, despertá-las do conformismo, convocava-as a fazer oposição a esse sistema que lhes era imposto, chamava-as para a conquista dos direitos que lhes eram roubados, apresentava-lhes uma possibilidade de emancipação. Trocando miúdos, Sarah Grimké, apoiada em sua fé, defendeu com fortes argumentos o empoderamento da mulher já no ano de 1837.

Ao encerrar cada uma de suas cartas, antes de assiná-las, Sarah deixava registrada sua máxima: *Thine in the bonds of womanhood*. Uma análise um pouco mais acurada nos permite compreender a verdadeira intenção da autora, que segundo argumenta Nancy Cott (1997, p. 1-18) empregou o termo *bonds* com o intuito de simbolizar a união/laço/vínculo das mulheres com a escravidão. Sarah teve muito cuidado ao compor a frase, dotando-a intencionalmente de um duplo sentido, onde a própria condição de mulher acaba por compeli-las/obrigá-las a estar juntas enquanto mulheres, ao mesmo tempo em que as puxa para baixo. Ou seja, era necessária a identificação entre as mulheres, enquanto mulheres, para que se libertassem das

condições de privação que lhes era imposta pelas estruturas do patriarcado, do contrário, elas sucumbiriam.

Com isso, é possível afirmar que Sarah Grimké desejava chamar ainda mais a atenção das mulheres as caracterizando enquanto iguais entre si, com o objetivo de fortalecer aquilo que se conhece enquanto *sisterhood*, uma espécie de estado de irmandade entre as mulheres. A partir de um grito de camaradagem Sarah chama suas irmãs, companheiras de causa, para a luta.

2.6 Considerações finais do capítulo

O fato de Sarah utilizar cartas públicas enquanto um meio de comunicação permitiu que ela fosse adquirindo mais espaço e respeito entre as mulheres da época, e consequentemente somando mais simpatizantes para a sua causa. Carlacio (2002, p.261) traduz essa ideia ao afirmar que “em uma dimensão espacial, essa carta oferece um caminho quando nas entradas para o discurso público de mulheres estavam marcadas com sinais somente de ‘saída’”⁴³.

O formato de carta deu a Grimké uma oportunidade de formular cuidadosamente suas ideias, selecionando palavras e frases com um efeito calculado. Palavras em uma página podem durar muito mais tempo do que a voz de um orador que logo desvanece. As cartas podem ser lidas e relidas, enquanto um depende da memória de sua audiência. O caminho das cartas permitiu a permanência de suas palavras.⁴⁴ (HAMILTON, 1992, p. 22)

Contudo, o que foi capaz de atrair ainda mais atenção para as cartas de Sarah Grimké foi a sua capacidade retórica, a habilidade na construção de argumentos consistentes, marcado enquanto um ato de convicção e fé, capaz de construir uma base forte e convencer pessoas de que ao se atuar em grupo as chances de se alcançar o “bem comum” são engrandecidas. A eloquência de Sarah foi capaz de lhe abrir caminhos em um dado momento onde isto sequer era cogitado. Embora não a empoderasse em sua essência, pois acabou sujeita às “normativas” impostas pela sociedade vigente, delineou uma possível continuidade de seus pensamentos e suas lutas enquanto defensora da igualdade fosse racial ou de gênero, através dos movimentos futuros.

⁴³ No original: “On a spatial dimension, this missive offers a way ‘in’ when doors to women’s public speaking were marked with ‘exit only’ signs”.

⁴⁴ No original: “The letter form also gave Grimké an opportunity to carefully formulate her ideas, selecting words and phrases for calculated effect. Words on the page can endure long after a speaker’s voice has faded. The letters can be read and reread unlike a speech which depends on the audience’s memory. The avenue of letters lent a permanency to her words”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Primeiramente é preciso destacar as mudanças implicadas pelo ativismo feminino na causa abolicionista, que foi um fator decisivo capaz de proporcionar às mulheres meios de acesso a esfera pública através da política. Esse envolvimento no movimento abolicionista teria possibilitado a compreensão pela mulher de si mesma. Da mulher enquanto sujeito mulher. Da mulher enquanto indivíduo. Da mulher enquanto agente de mudanças políticas e sociais. Essa tomada de consciência permitiu que esta mulher, destaco uma vez mais, branca advinda da classe média, se questionasse quanto à imposição de estruturas que a submetiam cegamente ao homem/marido. Essa mulher passa a compreender que para que lhe sejam cobrados deveres e obrigações é necessário um entendimento do porquê de tais deveres e obrigações, os quais foram socialmente construídos com a função única de subjugar-la a partir de suas características biológicas. Ao levantar esses questionamentos a mulher passa a lutar principalmente pelo acesso a esse espaço de ação, até então inacessível para àqueles indivíduos não qualificados enquanto homens brancos, para assim, defender os ditos direitos da mulher.

A partir desta constatação é possível situar os escritos de Sarah, e também, os da irmã Angelina, como inseridos dentro do desenvolvimento da primeira sistemática de pensamento estadunidense que problematizou o tratamento dado aos direitos das mulheres. Sarah se destacou particularmente pela força contida em suas análises recheadas com um substancial conteúdo histórico e argumentos consistentes que fundamentavam sua posição.

Após curta, mas intensa, experiência enquanto militante do movimento pela abolição da escravidão, que se encerrou com o término de sua viagem pelo país, ao lado da irmã, para discursar em prol da liberdade e da igualdade racial, a vida de Sarah Grimké dramatizou aquelas verdades contidas e condenadas em suas cartas. É possível que ela não tenha dimensionado o quão corretas as suas afirmações poderiam ser. Sarah perdeu o direito de discursar publicamente em favor da abolição devido a reprimendas sofridas pela Igreja Quaker, pois estaria misturando interesses e desviando atenções para outras causas que não eram de interesse deste grupo religioso. Ao casar-se fora da religião, Angelina fez com que ambas fossem excluídas do *quakerism*. Sarah viveu um breve período longe da irmã, no qual não obteve sucesso ao procurar espaços para a manifestação de suas ideias. Com o nascimento dos sobrinhos, voltou a viver com Angelina e seu marido, Weld, também um militante da causa abolicionista, mas que mesmo ele, foi capaz de reprimir a ação das irmãs quando de seus discursos em favor da igualdade de gênero. Sarah passou a auxiliar no desenvolvimento e

educação das crianças da irmã, devido à saúde frágil da mesma, enquanto lecionava em algumas pequenas escolas no campo.

Há divergências quanto à participação de Sarah Grimké na convenção de 1848 em *Seneca Falls*, ainda que seja inegável sua influência ao estimular o envolvimento de outras ativistas com a causa. Nomes como os das ativistas Abby Kelly, Henry Blackwell, Elizabeth Cady Stanton e Elizabeth Smith Miller tiveram em Sarah uma espécie de mentora. E ainda, mais significativo, foi o fato dessas mulheres ousarem levando esses debates para dentro das escolas onde lecionavam, impactando na construção de valores e convicções das gerações seguintes. A reunião ocorrida em *Seneca Falls* tratou da necessidade de uma união formal feminina na luta por seus direitos. Neste encontro pela primeira vez se falou abertamente da premência de se conquistar o direito ao voto, ou seja, dando início a estruturação do movimento sufragista nos Estados Unidos, que tomaria as ruas das grandes cidades do país no início do século XX.

A relação simbiótica do movimento feminino emergente do século dezenove com o movimento Abolicionista ilustra o poder inerente dos movimentos sociais de proverem o apoio psicológico e intelectual para ideias minoritárias romperem a indiferença calculada das audiências. Ela também ilustra como cada audiência estabelece ainda mais a legitimidade do grupo e aumenta o status e a autoridade dos participantes individuais.⁴⁵ (GOLD, 1981, p.359)

Muitas feministas da atualidade vêm tentando categorizar as ideias de Sarah Grimké em uma filosofia particular, dando-lhe o crédito de Primeira Feminista dos Estados Unidos. Contudo, autoras como Carlacio e Hamilton, que realizaram estudos a respeito da retórica nos escritos de Sarah, encontraram dificuldade em mirá-la a partir de uma perspectiva feminista criada durante o século XX, quando, na verdade, a intenção da autora era ser ouvida enquanto indivíduo que se opunha e queria acabar com a imposição de categorizações. Hamilton (1992) argumenta que a força das cartas de Sarah reside na solidez de sua retórica, como se fosse uma arte interagindo profundamente com sua audiência, transcendendo as barreiras do tempo.

Sarah defendia a construção de um sentimento de irmandade entre as mulheres, baseado em seu conceito de *sisterhood*, em defesa da conquista de seus direitos. Entretanto, quais foram os limites estabelecidos por esta irmandade? Isto é, sendo este um movimento advindo da classe média branca, por mais que defendesse a liberdade do povo negro,

⁴⁵ No original: “The symbiotic relationship of the emerging woman's movement of the nineteenth century with the Abolitionist movement illustrates the power inherent in social movements to provide the psychological and intellectual support necessary for minority ideas to breach the studied indifference of audiences. It also illustrates how every audience further establishes the legitimacy of the group and enhances the status and authority of the individual participants”. Traduzido por Camila Marcet.

poderiam mulheres negras escravas ou livres sentir-se parte dessa irmandade, dentro de uma sociedade patriarcal do século XIX? O fato de o opressor ser o mesmo (o homem branco) permitiria às mulheres negras ter acesso aos mesmos direitos?

A partir de uma análise biográfica concluí-se que Sarah esteve dentre as figuras mais radicais do movimento abolicionista, defendendo não só a liberdade dos grilhões da escravidão, mas também advogando por uma igualdade racial, ou seja, uma sociedade que se tornaria livre de preconceitos não somente de gênero, mas também onde brancos e negros viveriam à base do respeito mútuo. Sarah Grimké é caracterizada enquanto uma exceção de seu tempo, pois seria possível ainda questionar que uma coisa é o discurso e outra é ação, mas não. Sarah inclusive acolheu um de seus irmãos que se relacionou com uma ex-escrava e com ela constituiu família, cuidando de seus sobrinhos e os motivando a militar nas frentes do movimento em prol da abolição. Mas não se deve acreditar que em uma sociedade baseada no patriarcado, onde por tanto tempo negros foram subjugados, grupos liderados por brancos, tenham a mesma dimensão de liberdade que àqueles que são oprimidos.

É possível ainda, ver situações como esta sendo revisitadas em outros momentos da história dos Estados Unidos. Por exemplo, já nas décadas de 50 e 60 do século XX, mulheres brancas de classe média, novamente foram tocadas pela luta do povo negro, desta vez contra o racismo, e o seu envolvimento uma vez mais as levou a identificarem-se com essas reivindicações, resultando na eclosão do movimento feminista pela liberação do corpo, logo a seguir. E mesmo diante de outra intrigante repetição da história, a crescente identificação com as experiências de afro-americanos não necessariamente eliminou o sentimento racista entre as mulheres brancas. Mesmo após mais de um século, acreditar que os movimentos pelos direitos das mulheres assegurariam e incluiriam mulheres de todas as etnias não seria suficiente, esta é uma luta contínua.

À diferença da década de 60, esta nova onda feminista em vigor desde idos dos anos 90, caracteriza-se pela construção de movimentos dentro do próprio movimento. É por isso que hoje em dia fala-se em **feminismos**, no plural, que situam uma luta em conjunto com outras lutas, contudo, sem que determinados grupos não se sintam representados. É o caso do Feminismo Negro, que busca sua afirmação de gênero e de etnia, e somente a partir de um grupo que se entenda enquanto *mulher negra* é que se pode dar sentido à luta.

Logicamente que todos esses questionamentos levantados não diminuem a importância de Sarah Grimké, que mesmo beneficiada através de seu privilégio de raça, classe e acesso a educação, continuava a ser uma mulher em uma sociedade dominada por homens e regida pelos preceitos de uma sociedade patriarcal. Ainda assim, Sarah ousou ao desafiar

essas estruturas servindo de exemplo a todas as mulheres que entraram e, ainda entram, em contato com a sua história.

Mas, mesmo ela, que tanto lutou para quebrar essas estruturas opressoras, se viu rendida pelos limites de liberdade concebidos em sua época. Sarah Grimké morreu antes de ver sua maior luta concretizada, quando a partir da 19ª Emenda Constitucional de 1920, igualou homens e mulheres enquanto cidadãos estadunidenses. É possível ver a permanência das lutas de Sarah perpassando gerações, sua vida enquanto defensora da conquista de uma liberdade, que como exposto no capítulo anterior, é um conceito que se modifica conforme tempo, espaço e a que grupo social se aplica. E sobre essa liberdade, defendida por esses movimentos que virão a influenciar o Feminismo Moderno nos Estados Unidos, Foner (2010) conclui que de certa forma, eles demandaram uma expansão dos limites das liberdades, ao invés de redefini-los.

BIBLIOGRAFIA

Fontes consultadas:

GRIMKÉ, Angelina. *Letters to Catherine E. Beecher: in reply to an essay on slavery and abolitionism, addressed to A. E. Grimke*. Boston. I.Knapp, 1938.

GRIMKÉ, Sarah. *Letters on the equality of the sexes and the condition of woman*. Boston: I.Knapp, 1938.

_____. *An Epistle to the Clergy of the Southern States* – PDF em: <https://archive.org/details/ASPC0001867100> Acesso em 16/06/2015.

Referências Bibliográficas

ANDRADE, Andreza. *Gênero e História das Mulheres: diálogos conceituais*. In: XIII Encontro Estadual de História – História e Historiografia, 2008. Guarabira.

ABREU, Maria Zina Gonçalves. *Luta das mulheres pelo direito de voto: movimentos sufragistas na Grã-Bretanha e nos Estados Unidos*. Arquipélago, 2ª série, p.443-469, 2002.

BAUBÉROT, Jean. *Da mulher protestante*. In: DUBY, Georges; PERROT, Michelle (Org.). *História das Mulheres no Ocidente: Vol. 4 - O século XIX*. Porto: Afrontamento Lda., 1991. p. 238-255. Tradução Egito Gonçalves.

BIRNEY, Catherine H.. *The Grimké Sisters Sarah and Angelina Grimké: The first american women advocates of abolition and woman's rights*. Boston: Lee And Shepard, 1885.

CARLACIO, Jami. “*Ye Knew Your Duty, but Ye Did It Not*”: The Epistolary Rhetoric of Sarah Grimké. 21, No. 3 (2002): 247-263.

COTT, Nancy F.. *The bonds of womanhood*. New Heaven: Yale University Press, 1997.

CULLEN-DUPONT, Kathryn. **Encyclopedia of Women's History in America**. 2. ed. New York: Facts On File, 1996.

FONER, Eric. *Give Me Liberty! An American History*. W. W. Norton & Company, Inc. NY. 3ª edição. 2010.

GOLD, Ellen Reid. *The Grimké sisters and the emergence of the woman's rights movement*. Southern Speech Communication Journal. 1981. 341-360.
<http://dx.doi.org/10.1080/10417948109372501> acesso em 14/06/2015.

HAMILTON, Susan E.. *Sarah Grimké's Rhetoric for Empowerment: Her Life and Letters*. 1992. 116 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de English, English And Curriculum & Instruction, Oregon State University.

KÄPPELI, Anne-marie. *Cenas Feministas*. In: DUBY, Georges; PERROT, Michelle (Org.). *História das Mulheres no Ocidente: Vol. 4 - O século XIX*. Porto: Afrontamento Lda., 1991. p. 540-579. Tradução Egito Gonçalves.

KARAWEJCZYK, Mônica. *As suffragettes e a luta pelo voto feminino*. História, imagem e narrativas. nº 17, out/2013. Disponível em: <http://www.historiaimagem.com.br> acesso em 14/06/2015.

KARNAL, Leandro et al. *História dos Estados Unidos: das origens ao século XXI*. São Paulo: Contexto, 2007.

KIDD, Sue Monk. *A invenção das asas*. São Paulo: Paralela, 2014. 324 p. Tradução Flávia Yacubian.

MCCANDLESS, Amy Thompson. *The Grimké Sisters of Charleston, SC: Abolitionist and Feminist Leaders*. The Forum on Public Policy, 2011.

MELO, Jacira. *Publicar é uma ação política*. Revista Estudos Feministas, Florianópolis, vol.11, n.1, pp.298-301, 2003.

MURRIN, John M. et al. *Liberty, Equality, Power: A History of the American People*. 5. ed. Boston: Thomson Corporation, 2008.

SCOTT, Joan. *Gênero: uma categoria útil para análise histórica*. Christine Rufino Dabat, Maria Betânia Ávila (trad.), 1929, p. 1-35.

PEDRO, Maria Joana. *Traduzindo o debate: o uso da categoria gênero na pesquisa histórica*. *História*, São Paulo, v.24, n.1, pp.77-98, 2005.

PINTO, Céli Regina Jardim. Feminismo, história e poder. *Rev. Sociol. Polít.*, Curitiba, v.18, n. 36, p 15-23, jun.2010.

PORTNOY, Alisse. *Their Right to Speak: Women's Activism in the Indian and Slave Debates*. Cambridge: Harvard University Press, 2005.

SILVA, Kalina Vanderlei; SILVA, Maciel Henrique. *Dicionário de conceitos históricos*. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2005. 439 p.

SCOTT, Joan Wallach. *Gênero: uma categoria útil de análise histórica*. Educação & Realidade. Porto Alegre, vol. 20, nº 2, jul./dez. 1995, pp. 71-99.

Sites Consultados

Autora e Historiadora Louise W. Knight - <http://www.louisewknight.com/> acesso em 28/06/2015.

Grimké Sisters Tour – Passeio realizado na cidade natal das irmãs Grimké, Charleston - <http://grimkesisterstour.com/> acesso em 28/06/2015.

Museu Virtual Bertha Lutz - <http://lhs.unb.br/bertha/> acesso em 20/06/2015.

National Women's History Museum (Estados Unidos) - <https://www.nwhm.org/> acesso em 20/06/2015.

Pennsylvania Historical & Museum Commission - <http://www.phmc.state.pa.us/> acesso em 25/06/2015.

Dicionário Oxford - <http://www.oxforddictionaries.com/us/>